**Seringueiros do Médio Solimões: fragmentos e memórias de vida e trabalho**

**Tugboats of the Middle Solimões: fragments and memories of life and work**

Autor: José Lino do Nascimento Marinho

Orientadora: Iraíldes Caldas Torres

José Lino do Nascimento Marinho. Doutorando em Sociedade e Cultura na Amazônia – Universidade Federal do Amazonas – PPGSCA/UFAM/2018.

**Resumo**

Este estudo assenta-se num tema pouco explorado pelas ciências sociais que é a subjetividade e o imaginário dos seringueiros da Amazônia. O nosso propósito neste estudo consiste em perceber o espaço simbólico do seringal como manifestação de sociabilidade e de cultura imaterial, tendo na memória a ferramenta basilar de construção do vivido e da experiência dos seringueiros na Amazônia, fundamentalmente daqueles que vivem no município de Tefé, interior do Amazonas. O nosso olhar se volta para percebermos em que sentido os seringueiros expressam e vivem a sua subjetividade no espaço do seringal, procurando descobrir a alegria e o lúdico como recriação do humano em meio à sevícia e exploração destes trabalhadores. O Seringal é tomado neste estudo não só como o lugar de exploração econômica, mas e, sobretudo, como o lugar da experiência vivida, das festas, do imaginário, do cenário de pessoas que fazem história nesse território das águas. O vivido é percebido por meio das narrações dos sujeitos da pesquisa como o lugar onde se constituiu a experiência individual e coletiva envolvendo as festas, as crenças, as emoções da vida, o trabalho. No processo de quase isolamento do seringueiro na colocação do seringal não resta outra maneira de suportar a sua situação de semiescravidão, senão por intermédio da recriação de sua subjetividade. A produção e vivência da alegria e positividade da vida se dá, então, através das cantorias, das ladainhas, dos causos contados, das danças de forró, enfim, das festas como realização da existência. Se há produção da vida nos seringais amazônicos por intermédio das festas e de outros elementos constitutivos do lúdico e da alegria, podemos dizer que o trabalhador seringueiro vive no confinamento a sua hominização como constructo humano. Desvendar o espaço simbólico do seringal enquanto expressão da sociabilidade e representação imaterial do cotidiano vivido, sem deixar de fazer o registro da resistência política dos seringueiros na Amazônia, é o nosso maior desafio.

**Palavras chave – Seringueiro – Memória – Imaginário – Subjetividade**

**Abstract**

This study is based on a theme little explored by the social sciences that is the subjectivity and imaginary of the rubber tappers of the Amazon. Our purpose in this study is to perceive the symbolic space of the rubber tree as a manifestation of sociability and intangible culture, having in mind the basic tool of construction of the experience of the rubber tappers in the Amazon, fundamentally of those living in the municipality of Tefé, interior of the Amazon. Our gaze turns to see how the rubber tappers express and live their subjectivity in the space of the rubber tree, trying to discover joy and recreation as a recreation of the human amid the sevice and exploitation of these workers. The Seringal is taken in this study not only as the place of economic exploitation but, above all, as the place of the lived experience, the festivals, the imaginary, the scenery of people who make history in this waters territory. The lived is perceived through the narratives of the subjects of the research as the place where the individual and collective experience was constituted involving the celebrations, the beliefs, the emotions of the life, the work. In the process of almost isolation of the seringueiro in the placement of the rubber tree, there is no other way to support his semi-slavery situation, but through the re-creation of his subjectivity. The production and experience of the joy and positivity of life takes place, then, through the songs, the litanies, the stories told, the dance of the forró, and finally, the festivals as the realization of existence. If there is a production of life in the Amazon rubber plantations through the parties and other constitutive elements of play and joy, we can say that the seringueiro worker lives in the confinement his hominization as a human construct. Unveiling the symbolic space of the rubber tree as an expression of the sociability and immaterial representation of everyday life, while noting the record of the political resistance of the rubber tappers in the Amazon, is our greatest challenge.

**Keywords - Rubber - Memory - Imaginary - Subjectivity**

**INTRODUÇÃO**

*A realidade adora retrair-se, esconder-se.* (Confúcio)

Este estudo assenta-se num tema pouco explorado pelas ciências sociais que é a subjetividade e o imaginário dos seringueiros da Amazônia. As narrativas de suas experiências vividas, como diz Thompson (1997, p. 9), pode constituir-se num elemento candente para compreendermos o fazer-se classe desses trabalhadores.

O nosso propósito neste estudo consiste em perceber o espaço simbólico do seringal como manifestação de sociabilidade e de cultura imaterial, tendo na memória a ferramenta basilar de construção do vivido e da experiência dos seringueiros na Amazônia, fundamentalmente daqueles que vivem no município de Tefé, interior do Amazonas.

O nosso olhar se volta para percebermos em que sentido os seringueiros expressam e vivem a sua subjetividade no espaço do seringal, procurando descobrir a alegria e o lúdico como recriação do humano em meio à sevícia e exploração destes trabalhadores. As pesquisas tradicionais, tão fixadas em padrões socioeconômicos como as relações de aviamento, desconsideraram esses elementos ou os trataram como secundários quando na verdade eles são imprescindíveis para se entender a vida de pessoas comuns nos seringais da Amazônia. Trata-se de pesquisas do ponto de vista político, econômico e social centradas na produção material da vida. Seus autores expuseram a trajetória dos migrantes nordestinos para a Amazônia, analisando as consequências dessa migração e discutindo o papel do Estado como indutor da política gomífera. São estudos direcionados para afirmar algum dado histórico social, econômico, político e geográfico, dificultando a possibilidade de o sujeito que viveu a experiência no seringal dizer como se sente nesse processo.

O Seringal é tomado neste estudo não só como o lugar de exploração econômica, mas e sobretudo, como o lugar da experiência vivida, das festas, do imaginário, do cenário de pessoas que fazem história nesse território das águas. O vivido é percebido por meio das narrações dos sujeitos da pesquisa como o lugar onde se constituiu a experiência individual e coletiva envolvendo as festas, as crenças, as emoções da vida, o trabalho. A memória a que nos referimos é a memória construída na relação com a experiência vivida no seringal e na cidade de Tefé, tendo em vista o processo de deslocamento geográfico. Essa memória é tecida por lembranças, esquecimentos, sonhos, devaneios, tal como pensa Bachelard (2005). Para Halbwachs (2004), a memória coletiva só se mantém quando os indivíduos que compartilharam uma experiência se sentem parte de uma mesma comunidade afetiva.

É a memória que nos permite mergulhar no imaginário assimilando tanto a imagem percebida como a imagem criada. Torna-se, ao mesmo tempo, uma expressão do realizado, do irreal e daquilo que ainda está por realizar-se. A imaginação, em seu caráter primitivo, atende aos devaneios da vontade. Antecipa-se ao realismo petrificante na aventura dinâmica da percepção. A constatação empírica se apoia no forjamento criativo. As imagens formadas derivam de sublimações de arquétipos inconscientes. Os devaneios decorrem de uma imaginação ativista ou de uma “vontade que sonha e que, ao sonhar, dá um futuro à ação” (BACHELARD, 1990, p. 1).

Malinowski (1976), considera que devemos priorizar a descrição em “carne” e *“*osso” do nativo, sem necessariamente esquecer de pôr o “sangue” nele, uma vez que seria impossível discorrer sobre as experiências e o cotidiano dos seringueiros no interior da Amazônia, sem atentar para os seus sentimentos e impressões, suas agruras, fantasia e utopias, suas festas e seus desejos. Para Le Goff (1990 p. 70) “cultura popular, simples, obliterada, revestida de tradição é uma espécie de anti-história no sentido de oposição à história metódica oficial”. É uma versão contada e construída por pessoas comuns, velhos seringueiros*,* ex-soldados da borracha.

Ricoeur (2007) nos lembra que toda consciência é consciência de alguma coisa e que nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos nossa lembrança. Não há nada melhor do que a memória para significar algo que aconteceu, ocorreu, se passou, antes que declarássemos nos lembrar dela.

No processo de quase isolamento do seringueiro na colocação do seringal não resta outra maneira de suportar a sua situação de semiescravidão, senão por intermédio da recriação de sua subjetividade. A produção e vivência da alegria e positividade da vida se dá, então, através das cantorias, das ladainhas, dos causos contados, das danças de forró, enfim, das festas como realização da existência.

Se há produção da vida nos seringais amazônicos por intermédio das festas e de outros elementos constitutivos do lúdico e da alegria, podemos dizer que o trabalhador seringueiro vive no confinamento a sua hominização como constructo humano. Procuramos saber neste estudo de que forma ocorreu a subjetivação do seringueiro em meio às agruras opressivas do seringal.

Foucault (2004) lembra que, depois da 2ª Guerra Mundial, diante dos massacres e do despotismo promovidos pelos Estados, surgiu a ideia de que cabia ao sujeito dar um sentido às suas escolhas existenciais e que estas deveriam libertar-se do modelo de "homem" da racionalidade moderna, marcado pela disciplina.

Desvendar o espaço simbólico do seringal enquanto expressão da sociabilidade e representação imaterial do cotidiano vivido, sem deixar de fazer o registro da resistência política dos seringueiros na Amazônia, é o nosso maior desafio. Ou seja, apreender aspectos de significação da experiência vivida no cotidiano das relações sociais dos seringueiros na Amazônia, buscando perceber em que sentido as festas e os forrós, as cantorias, os causos e os rituais religiosos contribuíram para organizar a resistência política nos seringais.

A trilha metodológica que seguimos no estudo assume o aporte das abordagens qualitativas, especialmente no que diz respeito à narrativa, em que o narrador é convidado a falar sobre sua experiência de vida, vivida no seringal amazônico. O trabalho de campo foi realizado através de entrevista aberta com o uso autorizado de áudio e vídeo. A amostra é composta por oito (08) seringueiros, dois (02) seringalistas ex-donos de seringal, um (01) representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e um (01) representante da Justiça Federal que foram ouvidos sob a técnica da entrevista semiestruturada.

As narrativas dos seringueiros como experiências vividas no cotidiano da colocação no seringal como testemunhas ainda vivas remanescentes da batalha da borracha, constituíram-se no ponto alto deste estudo. Instigamos o Estado brasileiro a respeito da indenização dos seringueiros, esta dívida histórica, que nunca saiu do papel destinada a reparar os danos causados à saúde destes bravos guerreiros. Nenhum seringueiro entrevistado nesta pesquisa recebe o benefício de aposentadoria como soldado da borracha. Atualmente eles moram na periferia da cidade de Tefé alguns na mais absoluta pobreza, agravado pela escuridão da cegueira adquirida com a defumação da borracha e utilização de certas madeiras venenosas que produzem fumaça venenosa que cega à pessoa.

Este estudo de pesquisa é parte de minha dissertação de mestrado Sociedade e Cultura na Amazônia, realizado em 2013 pela Universidade Federal do Amazonas, com o título: Seringueiros do Médio Solimões, fragmentos e memórias de vida e trabalho. E este primeiro artigo versa sobre o deslocamento dos trabalhadores de seus locais de origem até ao seringal, expondo os problemas relacionados à dívida, adaptação ao novo habitat e a luta diária pela sobrevivência em meio à generosidade e hostilidade da selva amazônica.

É assim que este estudo assume fundamental importância não só não âmbito da interdisciplinaridade e dos processos socioculturais na Amazônia, mas, sobretudo porque poderá constituir-se num documento importante para contribuir no reconhecimento dos seringueiros pelo Estado brasileiro que possui uma dívida indenizatória para com esses trabalhadores.

**O SERINGAL, SUA FORMAÇÃO SOCIAL E SIMBOLOGIA**

*O Rei é o depositário fiel dos direitos e deveres de todos os cidadãos, tendo poder sobre a vida e a morte de todos os seus súditos.* (Jean Bodin).

**Uma etnografia da viagem dos retirantes até o seringal**

O Brasil! São muitos os brasis, que se encontra em cada canto, em cada setor da sociedade, da cultura e da economia, como reconhece Ribeiro (1995). Não dá para contar, dá apenas para, de vez em quando, constatar, em um campo qualquer, aquela porção de diferenças abissais, conhecida e reconhecida como Brasil.

Quando se chama por Brasil, são muitas as vozes em diferentes tons que atendem. Quando se olha ao redor, são muitos olhos, muitos rostos, com diferentes expressões que se veem e cantam.

A região amazônica é imensa, mas só uma parte interessa a este estudo. Como tudo na Amazônia é muito grande, é enorme, ao se falar em uma parte não significa que se vai encontrar poucos fatos, pouco tempo e pequeno espaço de terra ou de água. Nada disso, são dias e dias de barco, são horas e horas de avião às vezes sem poder descer, apenas circular, lançar a carga e voltar.

Moraes (2001) reforça este raciocínio dizendo que a Amazônia é um inigualável repositório de águas doces, vivas, candentes, que salta a deslizar, sob a luz crua do equador, desde as cachoeiras rugidas nas escadas de pedras aos lagos serenos nas várzeas vicejantes. Entrelaçado à bacia imensa retalhada de rios, recortada de angras, listada de furos, paranás e igapós navega o homem amazônico no mais complicado e bizarro aranhol fluvial do planeta. O quadro hidrográfico, extraordinário, original, sobreleva certamente ao da própria terra que o envolve na molduragem recortada de serras e cordilheiras. Não admira, pois, que os primeiros navegantes estrangeiros, alheios ao surpreendente labirinto, depois de uma viagem, confundissem as entradas deste grande continente das águas.

Os almirantes, exploradores, piratas, sequiosos de glórias e ambiciosos de riquezas, empolgados pela notícia do continente recém “descoberto” nas cercanias do Eldorado de Manoa, lançavam-se no mundo das águas amazônicas – mundo misterioso, lendário, quase virgem e sagrado – em busca de animais exóticos, vegetais com madeira de lei e metais preciosos. Ao retornar a Europa levavam a boa nova ao rei que enviava um corpo técnico formado por biólogos, botânicos, geógrafos, cronistas para pesquisar, documentar e tomar posse da nova terra e suas riquezas no território que hoje se chama Amazônia.

As notícias fantasiosas, desmensuradas e inverossímeis sobre a Amazônia propaladas além-mar, antes mesmo dos instrumentos científicos, sumiram tragadas pela vingança e volúpia dos deuses regionais. Muitos destes viajantes regressaram desolados à sua pátria, quando não findavam no encalhe, no naufrágio, no assalto do íncola, no suplício e na morte. A história da Amazônia, ensanguentada, trágica, movimentada na fábula, escreve-se com tinta dramática e pitoresca de lances cômicos e de lutas épicas.

A única matéria que é veloz nesta região é o pensamento, é o sonho, são as ilusões e as desilusões que vão à frete1 dos rios e pelo interior da mata, acompanhando os 31 (trinta e um) mil seringueiros, dos 55 (cinquenta e cinco) mil recrutados, que fugiam da seca, da guerra e vinham em busca de riqueza nestas paragens. Esses homens nordestinos ficaram por aqui mesmo, derrubados pela então desconhecida malária, hepatite, febre amarela, beribéri, lepra e uma dezena de outras doenças, somadas a aparições de onças, cobras e jacarés, além do caldo letal da floresta que ainda contava com o Mapinguari, a Mãe da Seringueira em fúria e a vingança do Curupira nos poucos anos que durou o sonho2. A presença deste exército de banidos composto por senis pobres e analfabetos é testemunho vivo do abandono, do descaso e da falta de proteção do Estado brasileiro.

Se o tema é o látex da seringueira, convém admitir que o ambiente que foi favorável ao seu aparecimento, a quentura e a umidade da quase infindável floresta Amazônica, não surgiu em um dia, por um sopro mágico, essa árvore foi construída pela paciência da natureza que gestou a sua evolução por milênios de anos.

A busca pelos fatos dos tempos idos, tão antigos, é difícil, é quase impossível encontrar uma referência imaginável e os pesquisadores concordam e discordam em vários pontos sobre a sua origem. A investigação das origens de tudo o que está na Amazônia ficou, por tão largo tempo, no campo do desinteresse ou das histórias fantásticas que só agora vem à tona nos estudos brasileiros que passam a compreendê-la de forma real.

O desenvolvimento da indústria de artefatos da borracha desencadeou uma acelerada corrida às fontes supridoras de matéria-prima, como parte do processo de expansão imperialista da segunda metade do século XIX. Esse processo determinou a manifestação, por um lado, da dependência econômica da Amazônia de um único produto de exportação: a borracha nativa. E, por outro lado, o desenvolvimento acelerado da indústria de artefatos da borracha das economias centrais.

O desenvolvimento[[1]](#footnote-1) deste setor desencadeia, em meados do século XIX, uma forte e constante pressão sobre as fontes supridoras de borracha. Para responder a essas demandas, as classes dominantes locais – seringalistas e donos de casas aviadoras – promoveram uma sistemática espoliação dos trabalhadores via sistema de aviamento. É assim que a Amazônia se constitui na fonte primeira de produção de borracha para os países centrais.

Na primeira metade do século XIX, a Amazônia com uma infraestrutura incipiente possuía uma economia praticamente de subsistência, com restritos recursos econômicos. Somente quando o monopólio foi superado pelos produtos do Sudeste asiático é que foram tomadas as primeiras providências de cunho político-econômico. Até o início da década de 1940 a ausência de uma alternativa econômica configurava-se num quadro em que o extrativismo, como atividade produtiva, não deixou de existir, mas, manteve-se de forma inexpressiva na economia da região e do país.

Em 1942 o Estado criou uma nova agência para atuar na regulamentação das relações de trabalho entre os seringueiros e seringalistas: o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA). As relações de trabalho passaram a ser regidas por um contrato-padrão aprovado pelo Banco de Crédito da Borracha (BCB).

No entanto, inúmeras são as condições que tornavam tais medidas utópicas, vão desde a peculiaridade geográfica da região até a proposição de que o BCB fizesse a fiscalização do trabalho de seus clientes, numa região tão vasta e de difícil acesso. Os seringueiros situados à grandes distâncias dos centros urbanos mais próximos – Manaus e Belém – em sua maioria, não conheciam nenhum núcleo habitacional além de vilarejos.

O papel do Estado neste contexto só contribuiu para ampliar a dominação de aviadores (casas comerciais e regatões), e dos seringalistas sobre a mão de obra nativa e de migrantes, assegurando a continuação do sistema de aviamento.

Com o encerramento do conflito da Segunda Guerra Mundial, as prerrogativas do extrativismo esfacelam-se, a política econômica do governo entre as décadas de 60 e 70, paulatinamente foi cortando os privilégios e incentivos fiscais dos segmentos dominantes vinculados à produção extrativista.

A política de diversificação das atividades produtivas, como parte do processo de expansão do capital na Amazônia, propiciou a redistribuição da mão de obra por outras atividades econômicas no interior da região. É a Zona Franca de Manaus que vai contribuir, bem mais tarde, para a desarticulação econômica no interior do Estado do Amazonas.

A cidade de Manaus, plantada bem no centro do comércio brasileiro da borracha, transformou-se, em poucos anos, de um modesto vilarejo à beira do rio numa próspera cidade centro econômico do país. Como tal, ganhou sistemas de abastecimento d'água, luz elétrica, telefone, grandes construções como o Teatro Amazonas, tombado pelo Patrimônio Histórico e símbolo da riqueza advinda da borracha no final do século XIX.

A essa Manaus dos trópicos vieram juntar-se outros brasileiros retirantes, principalmente nordestinos, fugidos da seca, todos desbravando a floresta para recolher o látex e transformá-lo em borracha.

De acordo [[2]](#footnote-2)como Carneiro e Carli (2011, p. 3),

A riqueza individual da época atingia níveis bizarros com os barões da borracha saciando a sede dos seus cavalos em baldes de prata cheios de champagne francesa gelada; as senhoras mandavam suas roupas de linho a Portugal para serem lavadas, prostitutas de Tangiers e de São Petesburgo chegavam a ganhar 8.000 dólares por uma noite de trabalho, pagamento feito, muitas vezes com tiaras e joias justificando a posição dos cidadãos de Manaus serem os maiores consumidores *per capita* de diamantes do mundo.

Se na cidade de Manaus estava esse Brasil próspero com homens endinheirados e de procedimentos exagerados, a história, registrada por Carneiro e Carli (2011), mostra o outro lado da realidade consignado na disparidade social de grandes contingentes de pobres que não se via igual desde a conquista espanhola. Os seringueiros escravizados, vivendo na pobreza, na miséria, consumidos pela fome e pelas doenças iam sendo dizimados sem que alguém se preocupasse com eles. A partir do momento em que as sementes da seringueira são levadas pelos ingleses para a Europa reproduzidas e cultivadas em suas colônias na Ásia em escala intensiva com um látex de melhor qualidade (ação posteriormente definida no século XX como ato de biopirataria[[3]](#footnote-3) pela Convenção da Biodiversidade Biológica como prática recorrente na Amazônia). Esse evento marca a inflexão da economia gomífera brasileira na primeira década do século XX.

O caminho percorrido pelos nordestinos até a chegada aos seringais amazônicos era longo e difícil. Os navios do Loyd saíam dos portos nordestinos abarrotados de homens, mulheres e crianças de todas as partes do Brasil. A primeira escala era em São Luís no Maranhão e depois rumava-se para Belém, Manaus, Rio Branco e outras cidades menores onde as levas de trabalhadores seriam entregues aos patrões (seringalistas) que deveriam conduzi-los até os seringais onde seriam mantidos sobre o cárcere do sistema de aviamento[[4]](#footnote-4).

Aparentemente tudo era muito organizado, pelo menos frente aos olhos dos americanos que forneciam ao Amazonas centenas de embarcações e caminhões, toneladas de suprimentos e outros recursos.

O caminho até o “eldorado” amazônico era muito mais longo e difícil do que poderiam imaginar tanto os americanos quanto os nordestinos futuros seringueiros. Aos poucos o medo foi se impondo a começar pelo ataque dos submarinos alemães que se espalhavam entre as famílias amontoadas a bordo dos Loyd comboiados por caça-minas e aviões de guerra. Memórias marcadas por aqueles momentos em que era proibido acender fósforos ou mesmo falar. Tempos de medo que estavam só começando. O relato de Ana Ursulino Alves de Lima, 97 anos, sobre as noites de pavor em um desses navios é ilustrativo dessa situação de medo. Nas palavras desta senhora seringueira de idade bastante avançada, percebe-se que mesmo passado mais de cinquenta anos os fatos estão vivos para serem contados com a emoção do momento vivido, a saber:

A ordem era manter a boca fechada literalmente, falar era proibido porque o ataque de submarinos alemães era realidade. O navio navegava com as luzes externas apagadas. As horas pareciam passar mais lentamente. Naquele momento tive a certeza de que fui enganada. Antes do embarque, ninguém falava de submarino. Foram momentos de medo, pavor e terror, nunca vou esquecer aquela noite. A preocupação com o ataque de bombas inimigas só acabou quando o navio saiu do mar e entrou no rio e o comandante confirmou: ‘aqui não entra submarino, aí podemos respirar aliviados (Entrevista/2012).

A partir do Maranhão não havia um fluxo organizado de encaminhamento de trabalhadores para os seringais. Frequentemente era preciso esperar muito antes que as turmas tivessem oportunidade para seguir viagem. Os alojamentos que recebiam os migrantes em trânsito eram verdadeiros campos de concentração, pois as péssimas condições de alimentação e higiene comprometiam a saúde dos trabalhadores antes mesmo que fizessem o primeiro corte nas seringueiras[[5]](#footnote-5).

Não que não houvesse alimentação. Havia, e muita. Mas era tão ruim, tão mal feita, que era comum ver as lixeiras dos alojamentos entulhadas de alimentos enquanto as pessoas adoeciam com fome. Muitos alojamentos foram construídos em lugares infestados pela malária, febre amarela e icterícia. Surtos epidêmicos matavam esses trabalhadores e seus familiares nos pousos de Belém, Manaus e outros portos amazônicos. O atendimento médico inexistia. E os conflitos se espalhavam entre os soldados já quase derrotados.

A desordem era tanta que muitos abandonaram os alojamentos e passaram a perambular pelas ruas de Manaus e outras cidades procurando meios para retornar à sua terra de origem ou de pelo menos sobreviver. Outras tantas revoltas paralisaram os navios gaiolas, no meio da viagem diante das alarmantes notícias sobre a vida nos seringais. Pequenos motins eram rapidamente abafados pelos funcionários da SNAPP - Serviço de Navegação da Amazônia e de Administração do Porto do Pará ou da SAVA - Superintendência do Abastecimento do Vale Amazônico. Esse parecia ser então um caminho sem volta.

Aqueles que conseguiam chegar aos seringais depois de três ou mais meses de viagem já sabiam que suas dificuldades estavam apenas começando. Os recém-chegados eram tratados como brabos. Designava-se brabo o seringueiro que ainda não sabia cortar seringa cuja produção no primeiro ano era sempre muito pequena. Só a partir do segundo ano de trabalho é que o seringueiro era considerado manso. Desde o momento em que era escolhido e embarcado para o seringal o brabo já começava a acumular dívida com o patrão. Enrique Rodrigues, de 89 anos, seringueiro do seringal Igarapé do Palhal no Médio Solimões, em entrevista em 2012, relata a chegada ao seringal da seguinte forma:

A casa éramos nós que fazíamos. O patrão mandava nós fazermos. Casa não, tapiri. O senhor sabe como é casa de índio. Na colocação, nós fazíamos nossa moradia de madeira, paxiúba batida e palha. As casas ficavam longe uma das outras e o Barracão do patrão distante umas três horas, distância que nós enfrentávamos a cada quinze dias com uma borracha de até cinquenta quilos nas costas (entrevista/2012).

A dívida crescia rapidamente porque tudo que o seringueiro recebia era cobrado: mantimentos, ferramentas, tigelas, roupas, armas, munição, remédios, tudo enfim, era anotado na sua conta devedora. O valor da dívida era abatido no final da safra da borracha de cada seringueiro. O valor de sua produção era, quase sempre, inferior a quantia devida ao patrão. E não adiantava argumentar que o valor cobrado pelas mercadorias no barracão do seringalista era cinco ou mais vezes maior do que aquele praticado nas cidades. Some-se a isto o fato de que os seringueiros eram proibidos de vender ou comprar em outro lugar. Cedo os seringueiros descobriam que no seringal a palavra do patrão era lei naquelas paragens. A análise reflexiva de Thompson (1997, p. 13), é essencial para o entendimento do fazer-se classe desses trabalhadores quando ele argumenta que em sua gênese, “seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo, sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógrada, seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos, suas conspirações insurrecionais podiam ser temerárias”. Mas eles viveram nesse tempo de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência; se foram vítimas acidentais da história, continuam a ser condenados em vida, vítimas acidentais.

E João de Lima Soares, 87 anos, seringueiro do seringal Caititu no Médio Solimões, reforça este dado ao dizer que,

O seringal era uma coisa boa e ruim, porque nós não tínhamos licença de vender nosso produto para outro regatão. Se o patrão soubesse que a agente vendeu alguma coisa, nos jogava para fora e nós não queríamos sair. Eles usaram e abusaram de nós. Nós enriquecemos aquele pessoal todinho desse seringal, os Lifaiff, madeira, a borracha, nós entregávamos tudo na mão deles e não tínhamos direito a nada. Entrevista/2012.

Os financiadores americanos recomendavam aos patrões para não repetirem os abusos do sistema de aviamento utilizado na primeira atividade da borracha. Na prática, entretanto, o contrato de trabalho assinado entre seringalista e seringueiro quase nunca foi respeitado. A não ser para assegurar os direitos dos seringalistas como no caso da cláusula que impedia o seringueiro de abandonar o seringal enquanto não saldasse sua dívida com o patrão, que o aprisionava nas colocações de seringa.

Antonia Damasceno Soares, 82 anos, seringueira do seringal Caititu no Médio Solimões, ao relatar sobre a vida no seringal, diz o seguinte:

O seringal era muito farto, tinha toda qualidade de peixe, pirarucu, caça, tracajá, tartaruga, ovos, mais se a gente fosse atrás. O trabalho de corte, retirada do látex e confecção da borracha tomava o tempo todo durante a semana. O patrão dava um tambor para se colocar o leite. Era o mês todinho para encher aquele tambor e levar de volta para ele, se não pegava carão. O seringal não era muito bom porque o patrão queria fazer a gente de escravo. Levava aqueles tambores de leite, as borrachas imensas, ele recebia e dizia, só dá para vender esse tantinho, um pouquinho de açúcar, de café, de sabão, era só isso. E o produto entregue ao patrão ainda era descontado. Se uma borracha pesava 50 quilos, ele descontava 20 quilos dizendo que a mesma ia murchar e só pagava os 30 quilos restantes. O preço da mercadoria era muito caro e da borracha muito barato, ainda tinha esse desconto e nunca se tirava saldo. Eu nunca vi dinheiro na mão durante esses longos anos no seringal. Mais a gente não se conformava e dizia: Poxa, trabalhamos todos esses anos, e nunca vimos dinheiro, não se anda bem vestido, nem bem calçado, não se alimenta bem e chegávamos até conversar com os outros seringueiros sobre essa situação visando criar uma organização nossa mais ficava só na conversa (entrevista/2012).

A análise de Thompson (1997, p. 271) neste sentido é fundamental, considerando a crítica que ele faz ao marxismo ortodoxo (na verdade a Marx), de que os indivíduos, na verdade, não atuam no quadro das relações históricas dadas, mas sim sobre as *condições construídas* pelos diferentes sujeitos históricos, com diferentes experiências, num jogo de relações entre indivíduos e/ou grupos com recursos (econômicos, simbólicos etc.) desiguais. E em relação à afirmação de Marx de que “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem segundo sua vontade ou *não sabem que a fazem”* (MARX e ENGELS, 1982, p. 417), Thompson, responde dizendo que os indivíduos, além de fazerem *sim* sua história, têm consciência de que a fazem, pois, ninguém melhor do que o próprio explorado para saber o que a exploração (horas intermináveis de trabalho, dificuldades econômicas e sociais.) Acarreta de prejuízo ao seu próprio corpo, às suas relações sociais e à sua vida. Querer imputar uma ideologia e uma consciência sobre este indivíduo, além de ser falta de alteridade, é idealizar uma consciência que não existe *a priori*, ou seja, é cair no mesmo dilema que Marx tanto criticou em Hegel e Feuerbach: idealizar algo que não condiz com a realidade.

Para Thompson (2001, p 272) não há um modelo estático de relações capitalistas de produção. Elas são constituídas ou extraídas das classes que lhes devem corresponder e a consciência que deve corresponder às classes. Não considera haver uma vanguarda intelectual que diz como deve ser a consciência de um indivíduo ou de um grupo de pessoas. Thompson refuta esse processo exógeno de formação da classe porque resulta numa falsa consciência. Dizer que uma classe, em seu conjunto, tem uma consciência verdadeira ou falsa é historicamente sem sentido.

A maior contribuição de Thompson não foi a revisão marxista do conceito de *classe,* como ocorre a sua formação. Esta foi fundamental (frutífera, poderíamos dizer) para o debate interno do marxismo porque Thompson oxigenou o conceito de classe com as novas correntes historiográficas da segunda metade do século XX. O que nos parece ter sido a sua maior contribuição é o *tipo* de história que construiu e *como* a fez. Primeiro ele colocou os holofotes do historiador sobre *os de baixo*, mostrando que estes também são agentes históricos e não apenas vítimas passivas dos acontecimentos e das vontades das elites (econômicas, simbólicas, militares etc.). Demonstrou que os populares ou trabalhadores têm sua própria cultura, seus próprios propósitos objetivos, problemas, sonhos, dificuldades, e que respondem às demandas do meio social no qual estão inseridos a partir dos elementos que estão presentes nos seus costumes e tradições, (re) elaborando-os de acordo com as suas necessidades, seus objetivos e limitações que o contexto histórico lhes impõe.

Em *A Formação da Classe Operária Inglesa* (1992) Thompson dá uma aula de como o historiador deve compreender e construir a história. Especialmente a história dos de baixo. Em primeiro lugar o historiador deve perceber estes indivíduos como agentes históricos dotados de razão, sonhos, problemas, interesses, que são os mais diversos possíveis. Só podemos entender suas atitudes à luz de seu tempo e de sua cultura que é construída na sua experiência cotidiana, no espaço e no tempo. A teoria só tem legitimidade quando auxilia no entendimento da realidade através de um processo metodológico rigoroso e de boa argumentação, não podendo esta última ter que se ajustar à primeira para validá-la. Como salienta Sharpe (1992, p. 58), “o estudo destes indivíduos, *dos de baixo*, enriquece a síntese histórica possibilitando uma compreensão mais profunda da realidade”.

O pensador discorda de quem entende os trabalhadores como vítimas passivas ou como dados de séries estatísticas (ou apenas como força de trabalho). Discorda daqueles que não veem a atuação histórica dos trabalhadores. E de igual forma de quem *procura* em determinado período como as coisas aconteceram e, deste modo, só vê a atuação dos agentes vencedores, negligenciando e/ou esquecendo os *perdedores*, os becos sem saída, as causas perdidas. Isso faz com que o historiador deixe de registrar e analisar o legado e a importância de uma causa e/ou batalha perdida, (como no caso dos seringueiros) que pode, e muito, influenciar o processo histórico, pois, muito provavelmente, nunca as coisas serão mais da mesma maneira. Interessante que aqui, o pensamento de Thompson vai ao encontro de uma passagem, embora esta tenha um sentido um pouco diferente, de Marx e Engels quando estes afirmam “que, de vez em quando, as vitórias dos operários são passageiras, mas que servem como elemento para uma união maior no futuro e, em consequência, para maiores lutas e reivindicações” (MARX e ENGELS, 1982, p. 39).

Não podemos esquecer que esta é uma história de imensos sacrifícios que envolvem milhares de brasileiros que foram mandados aos seringais amazônicos para “salvar” a economia gomífera, e assim, reabilitar e aquecer a economia brasileira nos mercados internacionais da borracha. Um capítulo obscuro e sem glórias de nossa história que só permanece vivo na memória e no abandono dos últimos seringueiros ainda vivos. As partes interessadas na coleta e na utilização do látex da seringueira consideraram conveniente a presença de um pacto para firmar o compromisso sobre o fornecimento e a recepção do material.

O governo brasileiro, pelos *Acordos de Washington,* devia fornecer o máximo de borracha em um mínimo de tempo. Conforme Neves (2004) o Presidente brasileiro sabia que o alcance desse objetivo exigia providências em relação à mão de obra, uma vez que a região estava, no máximo, com trinta e cinco mil seringueiros ativos, produzindo dezoito mil toneladas de látex/ano. Para vencer a Batalha da Borracha, atendendo as necessidades dos aliados, seria importante e necessário aumentar o contingente já existente no local pelo recrutamento de novos contingentes humanos para a Batalha da Borracha, como era exigido para o front na Itália. As conversas durante as negociações giraram em tono da expectativa de que a implementação do projeto apresentasse resultados consideráveis ainda na safra daquele ano, 1942.

A resistência dos índios associada à insuficiência populacional na região constituiu-se no fator determinante à importação de outros braços suplementares para realizar tais tarefas. Tem início, então, o maior movimento migratório ocorrido na Amazônia pós-conquista. De todos os componentes sociais de diferentes regiões do Brasil e do mundo, o que mais contribuiu em número para formar o exército de seringueiros foi o nordestino cearense.

O apogeu da era da borracha na Amazônia, segundo Figueiredo (2002, p. 81) permitiu um notável aumento na arrecadação de tributos e chegou a contribuir com 50% do PIB Nacional. Criou um comércio interno muito ativo, baseado na importação de artigos de luxo vindos da Europa e Estados Unidos, consumidos pela elite extrativista que aqui se formou. Entretanto, essa soma imensa de dinheiro circulante, nunca chegou às mãos de quem produzia a riqueza, especificamente o seringueiro que seguia seu calvário de sacrifícios diariamente no trabalho de exploração da borracha em sua colocação. De acordo com esse autor,

A colocação era o lugar onde o seringueiro morava no meio da floresta, no seu tapiri (barraco de varas e palhas). Na colocação ficavam as estradas de seringa que podiam ser em número de 10 ou 30, eram as picadas feitas no meio da selva e que era trabalhada por um mesmo homem. As estradas possuíam determinado número de seringueiras, geralmente contendo nada menos que 50 árvores. Os seringueiros novatos que ainda estavam no processo de aprendizagem eram chamados de brabos, os mais experientes, com anos de lida na extração da borracha, eram chamados de mansos. O dono do seringal era chamado de patrão e depois evoluiu para seringalista (FIGUEIREDO 2002, p. 87).

O seringueiro compunha, como nomeia Figueiredo (2002), a força de trabalho. Eram espoliados pelos patrões “coronéis”, presos a estes por um sistema de dependência baseado numa relação de endividamento do qual dificilmente conseguiam se livrar. Em caso de tentativa de fuga, o destino era a morte. Vivendo uma dura vida na selva o seringueiro enfrentava a subnutrição, as doenças letais, como: paludismo, beribéri, malária, tifo, varíola, lepra, tuberculose, tétano, erisipela, serpentes venenosas, uma infinidade de insetos, onças, jacarés, a Mãe d’água, a cobra grande, o Mapinguari, índios que defendiam suas terras e o Curupira, além do desconforto das barracas miseráveis sem saneamento, a ganância descomedida dos “coronéis de barranco”, enfim, toda a sorte de opressão. A rara diversão que tinham, consistia nas bebedeiras nos barracões ou nas vilas próximas quando estavam de folga, o que dilapidava ainda mais seus poucos ganhos.

O SEMTA – Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia, órgão que tratava diretamente com a população promovendo os recursos de aliciamento[[6]](#footnote-6) das pessoas foi criado, em 1942, e teve sua sede financeira instalada no Rio de Janeiro. As atividades de recrutamento começaram em São Luís e se fixaram, em 1943, em Fortaleza. A razão dessa prioridade se prende ao fato de que a migração cearense para a Amazônia não se constituía em uma novidade. O primeiro ciclo da borracha levou muito migrante do Ceará para o Amazonas em busca de trabalho e riqueza. No início dos anos de 1930, “tangidos” por uma seca com a mesma intensidade, os cearenses se dispuseram a procurar trabalho e acolhida na Amazônia. Esses fatos deixavam supor que a Amazônia e o trabalho com a colheita e o beneficiamento da borracha, talvez não fossem situações tão estranhas aos desalojados da seca.

Em 1942, os retirantes já tinham sido enviados, não como soldados, pois não foram convocados, foram inscritos pelo SEMTA – Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia. Partiam como aventureiros em busca de riquezas e a propaganda não deixava dúvidas de que havia fortuna para todos e apoio do governo. Essa enganação, no entanto, só viria à tona dezenas de anos mais tarde. Apesar de as propagandas disseminarem a ideia de que a Amazônia não era mais o inferno verde, mas um paraíso de oportunidades, dos quinze mil que partiram na primeira leva, muitos foram ficando pelo caminho, mortos por doenças, acidentes, fome, inexperiência, falta de assistência, pois as promessas começavam a falhar: faltavam alimentos, escolas e assistência médica.

A escolha do Nordeste como sede prioritária da convocação/apresentação voluntária dos jovens para a Batalha da Borracha teve como objetivo levar grande parte da população cearense para longe da seca devastadora que gerava uma crise sem precedentes para os camponeses da região, atingindo inclusive os jovens.

Os nordestinos com suas famílias já tinham seguido viagem. E os retirantes de 1943 eram justamente os jovens. Estavam sendo incentivados pelo governo com a promessa de que seriam soldados com direitos à convocação, glórias e reconhecimento da nação. Seriam heróis de guerra tão importantes quanto os pracinhas (soldados) que estavam nas frentes de combates na Itália. Sob essa ideia foi construído o discurso e a propaganda de governo para sensibilizar a opinião pública nacional e motivar os sertanejos jovens para o recrutamento, missão vital de salvar a Pátria e os países aliados.

Morales (2002) assinala que entre os membros do SEMTA - Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia estava, na Divisão de Propaganda, o suíço Jean-Pierre Chabloz, (1910–1984) contratado na Europa. Esse artista produziu uma série de material de propaganda em forma de cartilhas, opúsculos, brochuras e grandes cartazes impressos em litogravura. Esse material era apresentado em vitrines ou exposto em marchas cívicas no centro da cidade de Fortaleza, justificando nos conteúdos simbólicos, a importância do alistamento e a participação de trabalhadores na Batalha da Borracha na região amazônica.

Nas promessas, muitas vezes, misturavam-se os retirantes e os convocados, pois para a convocação era necessário que o jovem tivesse na faixa etária de 18 a 24 anos, deveria ser solteiro, sem filhos, gozasse de boa saúde e estivesse apto para o trabalho. Além disso, no encaminhamento dos 30 mil cearenses “havia uma política racial no Governo Vargas, diferentemente da Bahia e de Pernambuco, o Ceará não recebeu muitos negros. Isso garantia a manutenção de certo perfil étnico na Amazônia” (MORALES, 2002, p. 15).

Os retirantes estavam distantes cinco mil quilômetros da região extrativista, as dificuldades estavam sob controle porque na estada temporária, nas hospedarias governamentais, todos receberiam assistência alimentar e médica intensivas. Teriam todas as despesas pagas e às suas famílias seriam assegurados recursos para que pudessem sobreviver durante as ausências dos filhos ou maridos. Havia, ainda, a previsão de assinatura de contratos legais com os trabalhadores e de assentamento posterior com suas famílias, para efeito de povoamento da Amazônia.

Mageste (2004) ouviu a narrativa de Lupércio Freire Maia, nascido em Morada Nova, no Ceará, com dezoito anos na época do recrutamento. Ele relata sua ida para a Amazônia nos seguintes termos:

Estava no roçado com papai e chegou um soldado que me mandou subir no caminhão para ir para a guerra. Eu queria só pedir a bênção à mãe, mas o soldado disse que não tinha esse negócio, não. O caminhão estava apinhado de homem. Nunca mais viu a mãe, a mulher grávida e o filho pequeno. Só recebeu algum tipo de explicação sobre o 'recrutamento' e a batalha alguns meses depois, às vésperas de embarcar para a Amazônia (MAGESTE, 2004, p. 1).

**ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Além da propaganda visual havia aliciadores profissionais a mando dos patrões, donos de seringais no Amazonas. E dentre estes constavam padres, médicos e professores envolvidos no convencimento de que servir à Pátria era nobre. Segundo Neves (2004), essas pessoas faziam correr de boca a boca as notícias sobre um lugar onde se 'juntava dinheiro a rodo'. Prometiam também, um pequeno salário para o trabalhador durante a viagem até a Amazônia e, lá chegando, remuneração correspondente a 60% do que fosse obtido com a borracha. Mais, ainda, todo o trabalho transcorreria sob total apoio do Governo Federal e ficariam ricos na extração da borracha. Quando esses trabalhadores recrutados ficavam sabendo da enganação já era tarde demais para a volta às suas terras. De homens livres passaram a escravos e pauperizados. No coração da selva, dívida, isolamento e solidão. Eles trabalhariam infinitamente para pagar uma dívida econômica ao patrão que nunca acabava. De lá, não se podia escapar.

A viagem avançava e a notícia das dificuldades chegava aos ouvidos dos retirantes em viagem. Alguns queriam interromper a viagem para não passar pelo sofrimento que agora se alardeava, revoltavam-se, paravam os navios gaiolas e tentavam voltar, mas os funcionários da SNAPP - Serviço de Navegação da Amazônia e da Administração do Porto do Pará ou da SAVA - Superintendência do Abastecimento do Vale Amazônico, sempre por perto, abafavam o movimento e os recrutas iam se convencendo de que o caminho era sem volta. Às vezes, alguns rapazes conseguiam abandonar os acampamentos em busca de uma volta solitária para as ruas de Manaus e outras cidades do Norte que ficavam cheias de pessoas perambulando e mendigando.

A situação vivida pelos retirantes nordestinos da batalha da borracha, no contexto da viagem, apresentava-se como uma nova forma de escravidão. Os que conseguiam chegar aos seringais depois de meses de viagem, já sabiam que suas dificuldades estavam apenas iniciando.

**REFERÊNCIAS**

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins fontes, 2005/1997 p.11.

BRASIL. **Decreto nº 10.385 de 31 de agosto de 1942**. Estabelece Estado de Guerra em todo o território nacional. Publicação Original Diário Oficial da União - Seção 1 – 31/08/1942 Legislação Informatizada.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 4.166, de 11 de março de 1942**. Dispõe sobre as indenizações devidas por atos de agressão contra bens do Estado Brasileiro e contra a vida e bens de brasileiros ou de estrangeiros residentes no Brasil. Publicação Original Diário Oficial da União - Seção 1 - 12/03/1942, Página 3918. Legislação Informatizada.

BRASIL. **Decreto-Lei Nº 5.813 - de 14 de setembro de 1943**. Pub. Clbr 1943. Aprova o acordo relativo ao recrutamento, encaminhamento e colocação de trabalhadores para a Amazônia, e dá outras providências. Disponível em <http://www.010.dataprev.gov.br/ sislex/paginas/24/1943/5813.htm>. Acesso em 01 de nov. 2011.

BRASIL. Fundação Getúlio Vargas. **Conferências interamericanas: a Conferência de Havana**. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/produção/dossies/>. Acesso em 01 de nov. 2011.

CARNEIRO, Eduardo; CARLI, Egina. **O primeiro ciclo da borracha.** Disponível em <http://www.scribd.com/doc/4245301/primeirociclodaborracha>. Acesso em 01 de nov. 2011.

CENTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO E INFORMAÇÃO PARA A PAZ. A conceituação da paz e da violência. In: \_\_\_\_\_\_. **O Estado da paz e a evolução da violência**: a situação da América Latina. Campinas: UNICAMP, 2002. Cap. 1, p. 21-36; cap. 2, p. 37-68; cap. 3, p. 69-83; cap. 6, p. 125-146.

FOUCAULT, Michel**. As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. 24ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_\_. Sexualidade e solidão. In: MOTTA, M.B. (Org.). **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a. p.92-103. (Ditos e escritos, 5).

\_\_\_\_\_\_. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: MOTTA, M.B. (Org.). **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b. p.192-217. (Ditos e escritos, 5).

\_\_\_\_\_\_. O retorno da moral. In: MOTTA, M.B. (Org.). **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004c. p.252-63. (Ditos e escritos, 5).

\_\_\_\_\_\_. Ética, sexualidade, política. In: MOTTA, M.B. (Org.). **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004d. p.234-9. (Ditos e escritos, 5).

\_\_\_\_\_\_. A governamentalidade. In: MACHADO, R. (Org.). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1999a. p.277-93.

\_\_\_\_\_\_. La ética del cuidado de sí como práctica de la libertad. In: **Estética, ética e hermenêutica**: obras esenciales. Barcelona: Paidós, 1999b. v.3. p.393-415.

\_\_\_\_\_\_. **Resumo dos cursos do Collège de France** (1970-1982). Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Orgs.). Michel Foucault**: uma trajetória filosófica** - para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p.231-49.

\_\_\_\_\_\_. Verité, pouvoir et soi. In: DEFERT, D.; EWALD, F. (Orgs.). **Dits et ecrits**. Paris:

FIGUEIREDO, R. E. D. **A cooperação entre Brasil e Estados Unidos no campo da saúde**: o Serviço Especial de Saúde Pública e a política sanitária no governo Vargas. v.14, n. 4, p.1429-1434, 2007. Disponível em: https/www.google.com.br Acesso em: 04 nov. 2012.

HALBWACHS, Maurice. (Trad.) Beatriz Sidou. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et al]. Campinas, SP. Editora da UNICAMPI, 1990 (Coleção Repertórios).

MAGESTE, Paula. **Exército da borracha**. Revista Isto É**.** Ed. 306. 29/03/04. Vida brasileira. Depoimentos. <http://www.revista epoca.com/epoca/0,6993,ept703947\_1664,00html>. Acesso em 05 dez.2011.

MALINOWISKI, Bronislaw C. **Argonautas do Pacífico Ocidental:** Trad. Anton P, Carr. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARX, Karl. **Fundamentos da história**. In Marx – Sociologia (org.) Otávio Ianni. São Paulo: Ática 1979.

MORAES, Raymundo. **Na Planície Amazônica**. 8ª. Edição. Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.

MORALES, Lúcia Arrais. **Vai e vem, vira e volta.** As rotas dos Soldados da Borracha. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2002.

NEVES Marcus Vinicius. **A heróica e desprezada batalha da borracha**, 2004. Disponível em <http://www.2uol.com.br/históriaviva/reportagem/>. Acesso em 01 de nov. 2004.

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**: a árvore da liberdade.(trad.)

**1.2 A chegada no seringal e o “susto” da dívida**

Os retirantes nordestinos levavam até três meses para chegar ao seringal e os que chegavam eram entregues aos patrões. Na chegada ao porto de Manaus, a tropa, até então de “soldados” em formação unida, se dissolvia e os seringalistas passavam a fazer a escolha dos homens mais fortes e melhores. Todos se separavam, as velhas ou novas amizades terminavam ali e as preocupações redobravam, daí para frente o que valia mesmo era a fala do patrão. Ao chegar no seringal, todos os soldados nordestinos da batalha da borracha, estavam em uma condição análoga à de escravos.

Se considerarmos o que diz Goffman (1995) com relação ao desempenho de papéis que o indivíduo representa na sociedade, podemos dizer que desde a chegada ao seringal, ou mesmo antes disso, ambos os atores seringueiro e seringalista parecem representar papéis o tempo todo. Cada um à sua maneira é como que solicitassem de seus interlocutores que levassem a sério a realidade que se descortinava à sua frente: o seringal e a extensão da seringa na selva amazônica. Nesta representação de papéis o seringalista sustenta o discurso que seu seringal possui milhares de seringueiras que dão muito leite e isso vai significar riqueza rápida para o seringueiro em pouco tempo, o que não é verdade, e o seringueiro o informará que já possui bastante informação a respeito do processo de extração do látex e confecção da borracha, que não teme o desconhecido e possui garra para enfrentar qualquer obstáculo, que está preparado para o trabalho. Este discurso não é de todo verdadeiro.

A explicação de Goffman (1995, p. 25) é esclarecedora dessa realidade, a saber:

Não é provavelmente um mero acidente histórico que a palavra ‘pessoa’, em sua acepção primeira, queria dizer máscara. Mas, antes, o reconhecimento do fato de que todo homem está sempre e em todo lugar, mais ou menos conscientemente, representando um papel. É nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros; é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos. E certo sentido, e na medida em que esta máscara representa a concepção que formamos de nós mesmos – o papel que nos esforçamos por chegar a viver – esta máscara é o nosso mais verdadeiro eu, aquilo que gostaríamos de ser. Ao final a concepção que temos de nosso papel torna-se uma segunda natureza e parte integral de nossa personalidade. Entramos no mundo como indivíduos, adquirimos um caráter e nos tornamos pessoa.

O seringal é reconhecido por Allegretti (2002) como a unidade produtiva da borracha, no qual se travavam as relações sociais de exploração. A região era demarcada pelo mateiro, o homem que identificava as áreas da floresta que continha o maior número de seringueiras. Cada brabo recebia em arrendamento uma Colocação, isto é, uma determinada porção de terra onde ele era lotado para cortar seringa e os nordestinos tinham que aprender rápido a produzir porque sem borracha, não havia comida. No primeiro ano de trabalho a produção era pouca, no segundo, melhorava e o seringueiro já era um manso, melhor adaptado à nova realidade do seringal.

Maria José Mouzinho, 92 anos, seringueira do seringal Teane no Médio Solimões, relata o sofrimento nas estradas de corte, coleta do látex e confecção da borracha nos seguintes termos:

Nós levantávamos às quatro da manhã, fazia o café, tomava com umas minguadas bolachas d’água e sal e rumava para as estradas de seringa, eu numa, meu marido na outra. As estradas tinham em média 50 árvores, não eram muito longas, mais nós só voltávamos pelo meio dia porque tinha que recolher o leite antes que o sol esquentasse, porque depois que ele esquenta a seringueira não produz mais nada. Ao chegar em casa vai fazer o fogo no defumador para produzir a fumaça e defumar o látex até virar borracha. Quando era muito o leite a defumação ia quase a tarde toda. Era muito sacrifício, mais a gente tinha que enfrentar. Entrevista/2012.

Nesse segundo momento de movimentação da borracha na Amazônia a situação era diferente da ocasião anterior, pois no final do século XIX, a maioria dos nordestinos chegados para a exploração da borracha nessa região era do interior do Estado do Ceará e trazia sua família. No período de 1943 até 1945, aqueles que chegavam no Amazonas provinham dos centros urbanos ou de sua proximidade. Eram homens jovens, solteiros, estavam convocados pelo governo brasileiro e acreditavam servir à Pátria, vinham sem família. Era muito raro alguma família acompanhar o soldado. Há um caso contado por Vicência Bezerra da Costa, de Alto Santo, Ceará, que relata o seguinte:

O SEMTA levou meu irmão. Eles juntavam aquele rodo de rapaz e levavam. Minha mãe chorava, e então nós resolvemos ir. Eu tinha 13 anos. Em 1942, fomos para Fortaleza. O pouso não estava pronto. A gente comia e esperava, e cantava hinos glorificando Getúlio [...]. Na viagem, compusemos o hino do soldado da borracha [...]. Destemido soldado brasileiro, seu produto servirá o mundo inteiro. Nós viemos fazer borracha para a guerra [...]. A gente tinha de ter força para trabalhar e vencer, como vencemos (MAGESTE, 2004, p. 1).

No seringal a produção da borracha era trocada pelos víveres e outros materiais que atendiam às necessidades mínimas do seringueiro. Os seringueiros sabiam que havia um acordo entre o Brasil e os Estados Unidos e, como seringueiros convocados aguardavam a compensação pela condição à qual estavam reduzidos. De acordo com Allegretti (2002), a compensação financeira foi garantida pelos Estados Unidos, conforme previa o acordo de Washington. A CAETA - Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia recebeu o recurso e o repassou para o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, em 1946, mas esse dinheiro não foi destinado ao pagamento de indenizações aos soldados da Amazônia. O Brasil de Getúlio Vargas e seu Estado Novo tinham outras necessidades e os valores tomaram caminhos que não foram os dos Seringais Amazônicos[[7]](#footnote-7).

Silva (2004) e Lima (2002) enfatizam que, ao se alistar ou na hora da partida, o soldado da borracha recebia o que os estudiosos chamam de um enxoval ou *kit básico.* Ou seja, uma calça de mescla azul, uma blusa de morim branco, um chapéu de palha, um par de alparcatas de rabicho, uma caneca de flandre, um prato fundo, um talher, uma rede, uma carteira de cigarros Colomy (presente de Vargas) e um saco de estopa no lugar da mala. Ao chegar no seringal, depois de meses sem pouso certo, quantos ainda teriam alguma dessas peças? A solução era comprar mesmo dos patrões o que precisasse, pois logo ficava sabendo que nada dessa lista estava destinada a servir no trabalho que devia desempenhar.

Ao chegar ao seringal e ser-lhe designada uma Colocação o seringueiro recebia sem fazer lista ou saber do preço de cada produto, o seguinte rol de mercadorias:

Um bolão de fumo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado[[8]](#footnote-8), um rifle (carabina Winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dois carretéis de linha e um agulheiro. Nada mais. Aí temos o nosso homem no barracão senhorial, antes de seguir para a barraca, no centro, que o patrão lhe designará. Ainda é um brabo, isto é, ainda não aprendeu o corte da madeira e já deve [...]. Segue para o porto solitário: encalçado de um comboio levando-lhe a bagagem e víveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para três meses: 3 paneiros[[9]](#footnote-9) de farinha de água, 1 saco de feijão, outro pequeno, de sal, 20 quilos de arroz, 30 de charque, 21 de café, 30 de açúcar, 6 latas de banha, 8 libras de fumo, e 20 gramas de quinino[[10]](#footnote-10) [...]. Ainda não deu um talho na madeira, ainda é o brabo canhestro, de que chasqueia o manso experimentado (CUNHA, 1995, p. 12).

Embora houvesse grande diferença entre os seringueiros desse segundo momento denominado esforço da borracha e os antigos seringueiros do primeiro período as estruturas física, econômica e social dos seringais continuavam as mesmas. O sistema de aviamento continuava com as mesmas relações de exploração que possibilitavam ao patrão ou seringalista dirigir o processo de extração baseado numa contabilidade que atava o seringueiro a uma dívida.

Havia um contrato de trabalho, mas esse contrato assinado entre seringalista e seringueiro só era respeitado quando se tratava de assegurar os direitos dos seringalistas. O ponto alto do contrato estava consignado na cláusula que impedia o seringueiro de abandonar o seringal, enquanto não saldasse sua dívida com o patrão, isso transformava os trabalhadores em prisioneiros dentro de colocações. Isto mostra, conforme Alegretti (2002) e Neves (2004), que o seringueiro estava escravizado, sem liberdade.

Significa dizer que, a base do sistema extrativista, nesse segundo momento de extração do látex, permaneceu com a mesma pirâmide do sistema de aviamento do século XIX, tendo, agora no topo, os órgãos governamentais responsáveis pelo fornecimento para os EUA. As casas aviadoras não deixaram de existir, permaneceram fazendo a intermediação do processo, pressionando e impedindo o produto de chegar diretamente ao trabalhador no seringal. A cadeia de fornecimento de mercadorias a crédito continuava a existir através das casas aviadoras. Para compreendermos a questão de Euclides da Cunha (1995) sobre o fato de o homem no seringal trabalhar para escravizar-se, é preciso saber que o endividamento prévio do seringueiro foi o principal fator de impossibilidade deste trabalhador se libertar do seringal. De acordo com Neves (2004, p. 132), “todas as tentativas de implantação de um novo regime de trabalho como o fornecimento de suprimentos direto aos seringueiros, fracassaram diante da pressão e poderio das casas aviadoras e dos seringalistas que dominavam secularmente o processo da produção”.

Foucault (2008, p. 73), ao questionar a sociedade moderna que fabrica indivíduos dóceis e úteis com o uso de técnicas punitivas, mecanismos reguladores e controladores, nas escolas, prisões fábricas, quartéis, hospitais e por assim dizer, também nos seringais, denuncia a sociedade disciplinar. Imenso cárcere destinado a excluir, punir, segregar e isolar o indivíduo que foge às normas. Essa é a sociedade que inventou aparelhos que regulam os corpos para melhor controlar a alma. Como tecnologia disciplinar que serviria à implantação do capitalismo.

A vida no seringal era violenta. O seringueiro era construído pelo discurso ideológico, e para ser útil, era necessário adestrá-lo nos moldes quase militares com disciplina, controle, pressão e produtividade. O débito dos seringueiros dava ao seringalista grande poder, inclusive de caçá-los em fuga e recebê-los de volta com auxílio do poder público. “A gente era perseguida. Não podia vender um principiozinho de borracha fora que a polícia vinha atrás, pior que ladrão” (MAGESTE, 2004, p. 1).

Além da polícia, o próprio seringalista tinha seus direitos de guardião da disciplina sobre a venda da borracha unicamente no barracão, mas os seringueiros desafiavam o processo mesmo frente ao o risco de morte. Todos sabiam que o jogo beneficiava o mais forte. Um exemplo dessa realidade pode ser constatado no seguinte relato:

[...] a história conta que uma vez o mais fraco tentou se organizar. O caso aconteceu no ano de 1943, às vésperas da festa de São Sebastião, quando cerca de 200 arigós combinavam apresentar ao interventor do território do Acre, Silvestre Coelho, um abaixo-assinado reclamando das péssimas condições de vida e de trabalho nos seringais de Rio Branco. Dois padres, José Carneiro e Peregrino Carneiro redigiram a carta e foram à corte marcial por isso. Acusação: sabotagem do esforço de guerra. Por essa e outras frustradas tentativas, os arigós usavam, vez por outra, a velha espingarda de caça contra o capanga do patrão. Era matar ou morrer (MARTINELLO, 2004, P.17).

Em Recife, havia retrato de seringueiro em todas as esquinas com a tigela embutida em um pote como se fosse uma mangueira d’água. José Rocha, 87 anos, seringueiro do seringal Curumitá no Médio Solimões relata o seguinte:

Eu trabalhava com duas estradas, uma de 140 e outra de 190 árvores de seringueira. Eu saia às quatro da madrugada e cortava quase o dia todo. Na estrada maior eu conseguia tirar só 13 frascos de leite com dois litros cada e na menor somente 11 frascos isso em dia normal sem chuva. O leite escorria lentamente e em pouca quantidade, era preciso muita paciência. Eu trabalhava dia e noite no período de junho a dezembro, durante vinte e sete anos, para poder obter algum lucro no final do fabrico. No seringal a vida era totalmente diferente das propagandas, o látex escorria minguado, mas não podíamos desistir, tinha que enfrentar a dura realidade diuturnamente. Entrevista/2012.

As colocações eram distribuídas com um determinado número de árvores de seringueiras. As cabanas eram construídas distante uma das outras. O tempo gasto a pé mata a dentro de uma cabana para a outra era em média quarenta minutos. Significa dizer que cada seringueiro estava sozinho, isolado, rodeado de floresta com árvores de todo tipo. As seringueiras, *hévea brasiliensis,* nativas, eram esparsas, exigiam que o homem abrisse de 3 a 4 estradas, com mais ou menos 150 árvores, que seriam diariamente percorridas, durante oito meses do ano, de abril a novembro, quando o trabalho era interrompido para a floração e recuperação das seringueiras.

A organização de cada colocação cabia ao seu novo habitante. “Só que, quando nós chegamos, além de cortar seringa, ainda tinha que abrir estrada” José Rocha, do seringal Curumitá (Entrevista/2012). De acordo com Cunha (2003, p. 335-339), a abertura de uma estrada de seringal, ocorre da seguinte forma:

O mateiro lança-se sem bússola no dédalo (labirinto) das galhadas, com a segurança de um instinto topográfico surpreendente e raro. Percorre em todos os sentidos o trecho da selva a explorar; nota os acidentes. Apreende a fisiografia complexa que vai dos igapós alagados aos firmes sobranceiros das enchentes; traça os varadores futuros; avalia rigorosamente as estradas sem que lhe seja mister traduzir em complicadas cadernetas, escolhendo à beira dos Igarapés todos os pontos em que deverão erigir as barracas dos trabalhadores.

Ainda de acordo com este autor, feito este exame geral o mateiro solicita ajuda de dois auxiliares indispensáveis: o toqueiro e o piqueiro que limpavam o caminho das estradas abrindo as picadas mata a dentro. Então ele ergue num daqueles pontos predeterminados com as longas palmas da jarina, um *tapiri,* que o abrigará transitoriamente. *O processo é invariável.* Segue o mateiro e demarca o primeiro pé de seringa, que encontrar ao sair do papiri. É a boca da estrada. Aí reúnem-se o toqueiro e o *piqueiro.* O mateiro segue em frente até encontrar a segunda árvore a uns cinquenta metros. Avisa então com um grito peculiar o toqueiro, que sai para encontrá-lo junto da nova madeira e juntos vão abrindo com o facão a estrada. Depois ocorre a volta da estrada. Percorrendo de seringueira a seringueira, fechando a curva irregular que termina no ponto de partida. O trabalho de abertura de uma estrada de seringa demora em média três dias (CUNHA, 2003).

O homem é um solitário. Mesmo no Acre, onde a densidade maior das seringueiras permite a abertura de 16 estradas numa légua quadrada, toda esta vastíssima área é folgadamente explorada por oito pessoas apenas. Daí os desmarcados latifúndios, onde se nota, malgrado a permanência de uma exploração agitada, grandes desolamentos de deserto.

Um seringal médio de 300 estradas, corresponde a cerca de vinte léguas quadradas e toda essa província anônima comportará, no máximo o esforço de 150 trabalhadores.

O serviço começava às 4:30 horas da manhã, quando o rapaz sai com o lampião a óleo diesel, poronga[[11]](#footnote-11), presa à cabeça e a espingarda no ombro para o caso de índio ou onça atacar o seringueiro. Começava o dia de trabalho no escuro da mata para cortar a árvore e deixar as tigelinhas no aparo do leite, uma jornada de mais ou menos cinco horas. Ao recolher as tigelinhas transferia o látex para um saco de borracha ou para um balde e, no final do dia, defumava a borracha no buião[[12]](#footnote-12).

Araújo (2011) descreve a defumação da borracha como uma atividade que dura duas horas. O fogo é ateado debaixo da terra para que a fumaça saísse de um bico no nível do chão. Essa fumaça ardia nos olhos e enchia o pulmão do homem. Lentamente a bola de borracha é rodada presa a uma vara de 1,50 m de comprimento, o cavador. Para iniciar a borracha o homem enrola na vara um tarugo de goma coagulada no qual o leite grudava facilmente, quando despejado com uma cuia, enquanto o cavador gira. A pela[[13]](#footnote-13) engrossava a cada dia um pouco até atingir uma média de 50 quilos. A melhor madeira para a queimação era o babaçu, mas nem sempre estava disponível e o seringueiro não sabia do risco de escolher uma lenha errada.

O risco da cegueira, como todas as demais adversidades da empreitada assumida pelo seringueiro, era desconhecido dele e muitos jovens perderam a visão bem cedo. Silva (2005) aponta como exemplo de árvores venenosas a açacu e a carapanaúba, registrando que, hoje, a ciência comprova a existência de cerca de uma dezena de substâncias cancerígenas existentes nas madeiras amazônicas e já usadas na defumação da borracha. Se for utilizada lenha ou madeira venenosa na defumação da borracha a cegueira era praticamente inevitável. Degradada aos poucos a visão ia diminuindo lentamente. Certamente que, se o seringueiro tinha o tapiri como ambiente de trabalho e moradia, o risco de perder a visão era maior.

Para Araújo (2011), se o seringueiro não sabia do risco do trabalho para a sua visão, o isolamento era uma realidade logo reconhecida, pois era permanente o risco de adoecer sozinho, contraindo alguma das moléstias tropicais correntes na região, principalmente a malária. Muito frequente era, ainda, o tifo, hepatite, meningite, beribéri, verminose, hanseníase, a temida febre amarela, além de uma infinidade de enfermidades desconhecidas trazidas por mosquitos, os quais, não só transmitiam doenças, como dificultavam o sono e o repouso do trabalhador.

Além das doenças, havia o medo do ataque de índios com flechas venenosas e traiçoeiras, nas estradas de corte e na própria cabana. Havia também o risco de envenenamento dos córregos pela raiz de timbó[[14]](#footnote-14) que obrigava o seringueiro a evitar o peixe como alimento. Onças, que rondavam os seringais e as cobras eram muito temidas pelas suas picadas e até pelo estrangulamento da sucuri nas regiões ribeirinhas.

José Rocha, 87 anos, seringueiro do seringal Curumitá no Médio Solimões, perguntado a respeito das onças que rondavam o seringal, revela o seguinte:

Onça tinha demais por toda a parte no seringal. Eu cheguei a brigar com elas por quatro vezes, durante mais de meia hora para não ser comido, enquanto cortava nas estradas. Fui atacado de surpresa e não dava para pegar a espingarda e atirar. Defendia-me com o balde cheio de látex e com a faca de cortar a seringueira. Fiquei todo arranhado, mais sobrevivi graças a Deus e estou aqui para contar o fato. Matei muita onça mais deixava lá mesmo. Entrevista/2012.

A cada quinze dias a borracha era levada para o Barracão, a sede administrativa e comercial do seringal de propriedade do dono do seringal, o seringalista, o patrão, o coronel de barranco, que, também, ali morava. Segundo o seringueiro Enrique Rodrigues da Silva, o transporte da borracha no seringal Igarapé do Palhal onde ele trabalhava, era feito nas costas dos seringueiros. Vejamos o seu relato:

A cada 15 dias nós levávamos a borracha produzida na costa, numa distância de mais três horas de viagem até o barracão. O peso era imenso porque a borracha pesava em média entre 20 e 50 quilos passando pelos charcos com lama até o joelho, pontes construídas com varas. Para piorar neste trecho tinham muitas ladeiras. Mas fizesse chuva ou sol tinha que se levar a borracha produzida em 15 dias para o barracão, porque o rancho que era pouco também já tinha acabado e se não levasse a borracha o patrão não vendia de jeito nenhum e o sujeito morria de fome. Entrevista/2012.

Para Sobrinho (1992, p. 22) as descobertas que ocorreram em fins do século XIX e nos primeiros anos do século XX, possibilitaram a domesticação do látex selvagem, abrindo amplas perspectivas para sua aplicação e, daí por diante, instalou-se na Europa e nos Estados Unidos um novo ramo de atividades, a indústria de elastômeros e derivados, proporcionando profundas mudanças na economia da Amazônia.

A busca do látex descreve Sobrinho (1992), tornou-se um *frenesi*. A floresta foi devastada na procura de novas árvores produtoras. O espaço territorial foi dilatado. A ação predatória em relação à natureza não se fez sentir tão somente na extração do caucho, mas também com relação à própria seringueira. De acordo com este autor,

Na sofreguidão de maior rendimento, os seringueiros empregavam um processo grosseiro que chamavam de ‘arrocho’ e consistia em apertar um cipó à árvore, quase ao rés do chão, de modo que se forme uma orla capaz a uma goteira circular de barro, feita ali mesmo pela mão do seringueiro. Debaixo dessa goteira colocam uma panela ou outra qualquer vasilha, que possa receber bastante líquido; feito isto golpeiam toda a árvore por todos os lados, de modo que ela se esgota em um dia; e se não morre, só se restabelece no prazo de muitos anos. Evidentemente, os seringueiros, com a destruição impiedosa a que procediam, não olharam o futuro. O resultado negativo mais próximo eles o encontraram, no empobrecimento das regiões onde operaram a ofensiva desordenada, o que obrigava a uma penetração mais ousada na floresta adentro ou à ampliação, em direção a outras zonas, das áreas de trabalho (SOBRINHO, 1992, p. 23).

Alguns seringais ofereciam o sistema de comboios, em que uma tropa de mulas era levada por comboieiros empregados do seringalista. Gomes (2011) revela que o comboio ia de colocação em colocação recolhendo a borracha e anotando a encomenda do seringueiro, que depois lhe seria entregue. O caminho utilizado pelos comboios era o varadouro, uma pequena estrada que ligava os barracões às colocações e estas entre si, além de um seringal a outro e às sedes municipais, abertas pelos toqueiros, diferente das estradas do seringueiro.

O valor arrecadado pela venda da borracha na maior parte dos casos era todo deixado no mesmo Barracão. A organização do barracão era igual a qualquer armazém de negócios, existindo um gerente que era o braço-direito do seringalista, que inspecionava todas as atividades do seringal. Um guarda-livros, responsável por toda a escrituração, ou seja, registrava tudo o que entrava e saía e os caixeiros que coordenavam os armazéns de víveres e os depósitos de borracha. Todas essas pessoas e seus cargos estavam sujeitos às mesmas exigências de acatamento das normas do seringal e de obediência ao seringalista, eram também escravos.

**1.3 Selva, suor e lágrima no seringal**

Passado a euforia de encontrar o Novo Eldorado na Amazônia através da produção da borracha, muitos nordestinos logo percebiam ao chegar que esta história viraria um pesadelo. Tornavam-se escravos por dívida dos coronéis seringalistas e morriam em consequência das doenças, da fome ou assassinados quando resistiam às regras do contrato com o governo. A situação desses trabalhadores se agravava ainda mais com a decadência da borracha e as fracassadas tentativas do Governo Federal em recuperar a produção do látex. Diante do marasmo, os explorados soldados da borracha deslocavam-se para suas terras de origem ou para a cidade. Na cidade também a população vivia momentos de incertezas e pobreza.

A partir de 1910, em razão das sucessivas quedas do preço da borracha e do aumento da produção da Malásia e Indonésia, a cidade e a região entraram em declínio. Em 1913, existiam, somente no centro de Manaus, mais de 25.000 casas abandonadas, o que representava umas 20 mil pessoas a menos. Abatia-se sobre a parcela despossuída da população, por falta de recursos e de gêneros alimentícios, uma pandemia de gripe espanhola que, entre setembro de 1918 e janeiro de 1919, matou cerca de duas mil pessoas em Manaus. Em 1920, a população chega aos 70 mil habitantes em 1940, recua para 66 mil e só volta a crescer a partir de 1950.

Nesse intervalo de trinta anos o preço da borracha caiu a valores vis e a produção só não foi completamente abandonada porque a produção foi carreada para o abastecimento das indústrias de pneumáticos implantadas em São Paulo. Com o advento da Segunda Guerra Mundial e o bloqueio dos seringais asiáticos, inicia-se um período de grande euforia – que ficou conhecido como Batalha da Borracha – motivado pela possibilidade de retorno aos grandes lucros da época áurea de exploração do látex.

Isso pouco contribuiu para uma eventual superação da inércia econômica da região e de Manaus. Com o fim da guerra e o consequente definhamento da atividade gomífera catalisada pelo conflito, as populações das cidades do interior e, posteriormente, dos seringais, órfãs da sanha predatória do capital extrativista, migraram para Manaus colapsando a restrita infraestrutura da cidade, inchando o já enorme contingente dos indigentes amontoados em casebres de palha, palafitas e flutuantes nos igarapés do centro da cidade e dos novos bairros: Imboca/Santa Luzia, Morro da Liberdade, Raiz, Crespo, São Lázaro, Betânia, São Francisco e Petrópolis, a leste; Santo Antônio, Glória e Compensa, a oeste; Matinha, São Geraldo, Chapada, São Jorge, Beco do Macedo e Vila Amazônia, a norte e a cidade flutuante, no centro (sul), verdadeiro monumento à história destinado à exclusão social. Estamos falando dos sujeitos humanos descartados pela gananciosa exploração do látex.

Para muitos trabalhadores este foi um caminho sem volta. Centenas de seringueiros morreram abandonados na Amazônia depois de terem exaurido suas forças extraindo o ouro branco. E para agravar ainda mais a situação o governo brasileiro também não cumpriu a promessa de reconduzir os soldados da borracha de volta à sua terra no final da guerra, reconhecidos como heróis e com aposentadoria equiparada à dos militares.

De acordo com Sobrinho (1992, p. 26),

O seringal é a unidade de produção da economia extrativista da borracha, localiza-se quase à margem do curso do rio principal e em terra firme. A primeira condição assegurava o acesso ao transporte fluvial para a recepção de mercadorias que supriam as necessidades de consumo e permitia o escoamento da produção para os outros exportadores. A segunda condição evitava que as instalações centrais da empresa fossem afetadas pelas enchentes no período das chuvas. Nem sempre esta última condição era atendida, construindo-se, todavia, as instalações centrais sobre barrotes de madeira em área de alagação. Outras vezes construíam essas instalações com certa distância da margem, tornando-se necessária a construção de longas pontes de madeira para ligar essas instalações ao barranco do rio onde aportavam as embarcações.

Essas instalações eram construídas pelo patrão para constituir-se no barracão central, com os depósitos auxiliares e a residência do patrão e de seu pessoal que trabalhava e permanecia no núcleo. O barracão central era o principal ponto de venda de mercadorias para o consumo no interior da empresa que era também o lugar do escritório para a administração dos negócios e local de recepção de toda a borracha produzida no seringal. A esse complexo administrativo que usualmente denominou-se margem, poderia também conter atividades agrícolas, de prestação de serviços e de transportes, vinculando-se a essas atividades diferentes trabalhadores na condição de empregados, diaristas e autônomos.

As unidades produtivas da empresa extrativista eram as colocações localizadas no centro da mata, interior do seringal, local de moradia e posto de trabalho dos seringueiros. Nelas encontravam-se instaladas duas construções básicas: o tapiri que lhe servia de moradia e para guardar alguns instrumentos de trabalho e a barraca de paxiúba na qual instalava-se o defumador, e, completando a subunidade produtiva, a estrada ou estradas, onde estavam localizadas as árvores para o corte e extração do látex.

Ao se fazer a abertura da estrada, trabalho que exigia um profissional versado no mundo da floresta, definia-se o melhor local para servir de ponto de partida e instalar as edificações básicas. A colocação, pequena clareia aberta no interior da floresta, era constituída pelo tapiri de moradia, pelo defumador e a estrada, podendo dispor de uma, duas ou três estradas de seringa em permanente exploração, por extrator. Cada estrada tinha entre 100 a 200 árvores de seringueiras. A estrada tinha forma diversa de acordo com a disposição das árvores, no entanto, o seu percurso era sempre circular. O seringueiro começava o trabalho por uma estrada, que usualmente é denominada ‘boca da estrada’, depois seguia para o varadouro ao encontro das árvores que distavam “em média 50 metros uma da outra, dando a volta com o retorno próximo ao ponto de partida” (SOBRINHO, 1992, p. 27).

A abertura da estrada era feita pelo trabalhador que recebeu o nome profissional de mateiro[[15]](#footnote-15), tendo como auxiliar um outro trabalhador conhecido profissionalmente como toqueiro[[16]](#footnote-16). Todo o trabalho era feito por esses profissionais desde a instalação inicial da empresa seringalista até a abertura de novas estradas.

O pessoal ocupado de modo direto na produção como em qualquer empresa agrícola ou industrial variava de acordo com o porte da empresa. “No seringal para a extração do látex, a necessidade de mão de obra estava diretamente relacionada com o número de estradas a serem exploradas e o volume de produção do seringal como unidade da empresa extrativista, resultava da combinação de vários fatores, tais como as variáveis naturais e humanas” (SOBRINHO, 1992, p. 28).

Um dos seringueiros ouvidos nesta entrevista relembra o seguinte:

Eu começava a cortar a seringueira ainda a boca da noite, na estrada que é um caminho que se faz na mata para cortar. Limpava duzentas, trezentas madeiras. No Juruá se você não tiver uma estrada grande, você não consegue nem comprar um paneiro de farinha, pois se tirava pouco leite e o patrão rouba demais, uma coisa horrível. Ele vendia muito caro, caro mesmo como ninguém encontrava em outro canto. Pode ir lá e ver que até hoje o Juruá está pior do se encontrava naquele tempo. Tudo por ali era barato e no seringal a coisa era absurda. Eles pediam três vezes mais no quilo do açúcar do que realmente valia aqui em Tefé ( Enrique Rodrigues da Silva, 89 anos, entrevista/2012).

O seringueiro compunha a força de trabalho, segundo Figueiredo (2002, p. 86), vivia num verdadeiro regime de escravidão da borracha. Eram espoliados pelos patrões coronéis, presos a estes por um sistema de dependência baseado em relações de endividamento, do qual dificilmente conseguiam se livrar. Em caso de tentativa de fuga, o destino era a morte.

O esforço da borracha atraiu também o olhar de intelectuais como Euclides da Cunha, que por meio de seu livro *À margem da História,* escrito em 1909, faz uma denúncia social. Na primeira parte desta obra, denominada “Terra sem História” e dedicada à Amazônia, o autor se preocupa com a situação dos migrantes nordestinos nos seringais. O escritor chega a denominar essa região de “paraíso diabólico dos seringais”, o lugar onde o homem "trabalha para escravizar-se" (CUNHA, 2006, p. 28).

Essa escravidão também foi tratada, recentemente, de forma significativa pelo poeta e ensaísta amazonense Thiago de Mello, em seu livro *Amazonas, pátria da água*, a saber:

Em toda a história do mundo capitalista, nenhuma riqueza se cria sem a pobreza e o sofrimento de muitos. A velha e inflexível lei da exploração do homem pelo homem. Toda essa riqueza [...] nascia em verdade da árvore sangrada no centro da floresta pelo seringueiro. Era esse homem o verdadeiro gerador de riquezas. Os seringueiros, contudo, viviam como escravos (MELLO, 2005, p. 35).

Weinstein (1993, p. 24-30) chama a atenção para o fato de que desde as primeiras décadas da colonização europeia, as expedições coletoras constituíam a base da produção na Amazônia, com grupos móveis de índios para extrair substâncias naturais como o óleo de tartaruga, especiarias, madeiras de lei, óleos vegetais e sementes de cacau. Com a exploração da borracha não foi diferente. Para este autor o precário equilíbrio ecológico da floresta tropical e a presença de incontáveis inimigos naturais impunha um padrão de crescimento às árvores e complicava sobremaneira a extração em larga escala. Essa dispersão natural da flora protege eficientemente as espécies do extermínio por insetos, pragas e outros inimigos naturais, mas pode funcionar, também, como obstáculo aos empreendimentos de maior porte. A coleta exige uma população de produtores altamente dispersa e móvel cuja rotina de trabalho não pode ser submetida a formas comuns de organização.

Ainda é Weinstein (1993) quem esclarece que “a rede comercial que canalizou a borracha amazônica dos remotos campos da hévea para o mercado exterior não representou um afastamento significativo das práticas desenvolvidas na era colonial”. Ao invés de destruir as relações de produção existentes, o negócio da borracha amazônica levantou-se sobre ela, consolidando modos tradicionais de extração e troca. Os modelos de comercialização que se desenvolveram com o aumento das exportações da borracha apresentaram, contudo, um grau comum de complexidade e de sofisticação. E o homem seringueiro mesmo ocupando a última posição social nesse mastro totêmico, era o trabalhador que se embrenhava na floresta e coletava a borracha em suas estradas de seringa, com um traçado quase impercebível ligando as estradas com dezenas de seringueiras.

Seguindo a rota elíptica formada pela estrada da borracha o seringueiro finalmente chegava de volta à sua cabana onde normalmente fazia a primeira refeição, ao meio dia, e descansava poucos minutos (sesta) para fugir do calor do sol a pino. “Em seguida fazia o mesmo percurso para coletar o leite que se acumulava nas tigelas e retornava à cabana para iniciar a etapa final de seu trabalho diário, a coagulação do látex. No sábado ou domingo o seringueiro entregava ao patrão o que produzia na semana” (WEINSTEIN, 1993 p. 31). O seringueiro Geraldo Encarnação, 93 anos, do Médio Solimões, revela o seguinte:

Se com quinze dias, a gente não levasse o produto para pagar tudo o que comprou, o patrão não vendia mais. Você tinha que trabalhar e não possuía nada dentro de casa, só os filhos e a mulher, isso quem tinha. Era desse jeito, se passava mal e às vezes nem café se tinha para beber. Enquanto não se pagava ele não vendia. Tinha que se fazer aquelas borrachinhas para poder pagar e comprar outro tantinho. Não era só para mim não. Eu tinha pena das mulheres que tinha que cortar seringa e sofriam muito mais (Entrevista/2012).

Para completar a exploração “o seringueiro ainda tinha que pagar uma comissão sobre o dinheiro ou as mercadorias recebidas (aproximadamente 20% sobre o dinheiro e 10% sobre as mercadorias) prática esta, especialmente generalizada no caso do patrão, ser um pequeno comerciante que não recebia arrendamento das seringas” (WEINSTEIN, 1993, p. 33).

Outro fato que Weinstein (1993) chama a atenção nas abordagens relacionadas ao processo de exploração da borracha na Amazônia, é a resistência dos seringueiros e os conflitos com os patrões, muitas vezes pouco destacados pela literatura específica. É preciso fazer menção explícita aos casos de fraude, trapaça e coerção inerente a uma economia em rápido crescimento, na qual um pequeno grupo de negociantes poderosos extraia ao máximo o rendimento de centenas de seringueiros.

Forma particularmente grave de resistência do seringueiro era a venda da borracha a um regatão. Trata-se do comerciante que viaja de barco subindo e descendo os rios amazônicos, comprando e vendendo mercadorias, principalmente estivas e miudezas em geral ou trocando-as por outros produtos. Esse comércio clandestino violava a relação patrão-seringueiro, era considerada falta grave pelos seringalistas.

Benchimol (2010, p. 255) ressalta que o seringueiro enfrentou muitos problemas em sua adaptação nos seringueiros, a saber:

A intenção dele continua a ser: chegar hoje, enricar amanhã, voltar depois. A vida aqui é ‘flagelada, doida’. Uma terra para ganhar dinheiro, não para fundar um lar. O seringueiro diz: eu vim enricar e não para morar. Volto quando arranjar uns recursos. ‘Vim para ganhar dinheiro na seringa e depois voltar’. Volto quando o destino permitir e a sorte também. A pátria do seringueiro não é a Amazônia. Uma terra para ganhar dinheiro e enricar não pode inspirar compaixão.

Para melhor entendimento da subjetividade do seringueiro em meio às agruras da floresta no isolamento do seringal recorremos a Lefebvre e seus estudos sobre o cotidiano. Para Lefebvre (1991) o conceito de cotidianidade não vem do cotidiano e nem o reflete. Ele exprime antes de tudo a transformação do cotidiano visto como possível. O cotidiano não é apenas um grau inferior da reflexão e do vivido em que as experiências se confundem, em que tudo o que se verifica parece pertencer ao senso comum e que o mundo é encarado e enfrentado como a soma das coisas. O cotidiano, como o conjunto de atividades em aparências modestas, como produto das experiências humanas não é apenas o que escapa aos mitos da natureza e do indivíduo. Ele constitui em uma primeira esfera de sentido, um domínio no qual a atividade produtora (criadora), se projeta para formar criações novas.

‘Um rio tinto de sangue’. Este deveria ser o título de um filme sobre a colonização e exploração da borracha na Amazônia. Mas o sangue que correu nos rios não foi o dos seringalistas, dos donos das casas aviadoras, dos banqueiros internacionais que financiavam a produção, dos americanos ou dos ingleses e sim dos índios que formaram a primeira mão de obra escrava utilizada na coleta das drogas do sertão e dos nordestinos seringueiros no fatigante trabalho de extração do látex e confecção da borracha. Nas palavras de Freire (1997, p. 76), “a borracha foi a maior catástrofe demográfica da história no contexto amazônico”.

Em sua abordagem temática, Chaves (2011, p. 61-62), explica de modo mais contundente o contexto histórico denominado de a batalha da borracha, quando afirma que o caráter mercantil que assumiu o extrativismo limitou a economia do Amazonas a um grande entreposto comercial. Seus recursos estavam concentrados no setor de serviços com quase nenhum investimento em infraestrutura para o atendimento das necessidades da população.

Os recursos com a produção da borracha quando não eram desviados para outras regiões, eram utilizados para sustentar a opulência de alguns, enquanto o trabalhador sem assistência de nenhuma natureza, padecia inúmeras carências, pois de tudo que eles fizeram brotar, pouco ou quase nada, reverteu em seu benefício. Os seringalistas construíram palácios em Manaus, Belém, Londres, acumularam fortunas, formaram doutores às custas do trabalho do seringueiro. Em seu tapiri, rodeado de filhos, miséria e dívidas ao patrão e ao regatão, o seringueiro sobrevive teimosamente em meio à exploração e opressão. Índios e outros povos tradicionais naturais do Amazonas e do Nordeste foram vítimas do mesmo processo colonialista e escravocrata do extrativismo.

Os fatos que nomeamos como descaminhos nas estradas de seringa dizem respeito à fuga na evasão dos trabalhadores dos seringais tradicionais. Esse fenômeno ocorreu em toda a existência dessas unidades de produção da borracha, no entanto, em alguns momentos históricos eles são praticamente imperceptíveis, sendo descaracterizada sua importância.

O fenômeno de fuga dos seringueiros ocorria de forma esparsa e o recrutamento de homens no Nordeste brasileiro para trabalhar como seringueiro fazia-se mister naquela conjuntura, obscurecendo a fuga que se dava. A fuga dos seringais só passa a ser uma preocupação na década de 1980, quando de fato, inicia-se a desarticulação dos seringais tradicionais.

Os descaminhos nas estradas de seringa que se caracterizam pela saída dos trabalhadores extrativistas dos seringais começam na década de 1940 e se aprofunda nas décadas seguintes. É nesse período que os seringueiros começam a elaborar estratégias de resistência às relações de exploração a que eram submetidos nas empresas extrativistas. Essas estratégias, em sua maioria, foram de natureza individual, muito embora em seu desenvolvimento histórico pudessem se constituir em soluções coletivas como é o caso das comunidades ribeirinhas.

Os seringueiros, ao fugirem das empresas extrativistas, em busca sua liberdade e para forjar novas condições de vida fundaram núcleos habitacionais esparsos nas margens dos rios. Essas habitações formaram as comunidades ribeirinhas de produtores de borracha e se constituíram em alternativas aos seringais tradicionais, contribuindo de forma direta e indireta para a desarticulação das empresas extrativistas.

De acordo com Chaves (2011) um número representativo dos trabalhadores que saíram das empresas extrativistas retornou à sua condição de produtor ribeirinho. Esse fato não revela um mero “retorno às origens”, mas se constitui em alternativa de sobrevivência tendo em vista as dificuldades encontradas para se reproduzirem como seringueiros. Outros seringueiros preferiram deixar o trabalho na seringa e inserir-se em outros ramos de trabalho. É o que revela João de Lima Soares, 87 anos, seringueiro do seringal Caititu no Médio Solimões:

Quando eu deixei o seringal Caititu vim direto para a cidade de Tefé procurar outro tipo de trabalho. Meu sogro mandou me chamar e me deu este terreno onde com muito sacrifício construí esta casa onde moro até hoje. Ao chegar em Tefé fui trabalhar no Estaleiro Noé como carregador de madeira, pois desde que me casei e meus filhos nasceram nunca pedi nada à ninguém. Criei todos com meus próprios recursos. Decidi não trabalhar mais na agricultura, estava cansado da mata e do trabalho da borracha entrevista/2012).

Chaves (2011, p. 63-64) assinala que, “após a euforia causada pela valorização desse produto nos primeiros anos na década de quarenta iniciou-se uma contínua queda das cotações da borracha nativa”. Tal fato abalou a estrutura dos seringais tradicionais, determinando uma forte crise que se prolonga até a década de setenta, momento em que efetivamente ocorre uma profunda desarticulação das empresas extrativistas.

A política econômica adotada pelos governos em meados dos anos sessenta contribuiu de maneira decisiva para esta conjunta na medida em que traz uma nova orientação política de incentivo e diversificação das atividades produtivas no país, atingindo diretamente os interesses dos segmentos extrativistas da borracha ao promover a extinção dos mecanismos históricos de sustentação dessa economia.

A desarticulação dos seringais tradicionais não pode ser atribuída somente à política econômica do Estado. Outros fatores contribuíram para a desativação da economia dos seringais, entre eles as diferentes formas de resistência dos trabalhadores que de acordo com Torres (2011, p. 58),

Vão desde os conflitos entre seringueiros e seringalistas, tentativas de criação de sua ‘entidade de classe’, não pagamento da dívida ao patrão, até a regulamentação das relações de trabalho, como por exemplo, não realizar serviços nos armazéns dos seringais depois de uma jornada de trabalho. Esses fatores tiveram papel significativo nesse processo, sobretudo a partir da última década do século XX. Era o potencial organizativo dos seringueiros contra a opressão e dominação dos coronéis de barranco nos seringais amazônicos.

Diante dos cortes acentuados no fornecimento de crédito e da pressão dos trabalhadores nos seringais, as casas aviadoras e os seringalistas evitavam fazer novos investimentos no extrativismo da borracha, pois implicava riscos elevados. Em razão de a forma de trabalho do freguês requisitar de maneira imprescindível o dispêndio de recursos (crédito) por parte dos seringalistas para a sustentação do fornecimento de produtos ao seringueiro durante o fabrico (aviação de mercadoria) e, na ausência do crédito, outras formas de trabalho diferenciadas começam a se efetivar nos seringais tradicionais.

Para o trabalhador extrativista que vivia no interior do seringal, a crise chegou através da desvalorização da borracha, gerando o abandono dos seringais por parte dos seringalistas. Enrique Rodrigues, de 89 anos, seringueiro do seringal Pé do Palhal no Médio Solimões, em entrevista explica que após trinta anos de ininterrupto serviço na extração do látex e confecção da borracha, mesmo com todas as dificuldades de sobrevivência só deixou o referido lugar com a falência dos donos do seringal: “os Litaiff, deslocando-se para Tefé em seguida com sua família a procura de melhores condições de vida” (entrevista/2012).

Esse abandono se expressava pelo não suprimento dos barracões e a desarticulação da estrutura administrativa. À medida que os seringalistas começam a se retirar, também, a redução do número de regatões que *subiam e baixavam o rio*, fazendo comércio, torna-se patente.

Essa conjuntura proporcionou num curto espaço de tempo um conjunto de mudanças no processo de trabalho, principalmente nas formas de trabalho. Os trabalhadores valeram-se da prática do trabalho de meia, do arrendamento e como proprietário de pequenos seringais, outras inseriram-se nos diferentes ramos de atividades como comércio, serviços e indústria.

O processo de trabalho na produção da borracha apresentava-se estável, reproduzindo-se inexoravelmente por décadas a fio. Nos últimos anos da década de 1970 foi introduzido na defumação o processo de transformação do látex em pelas de borracha, denominação dada às unidades do produto a prensa fabricada a partir de agora em peças de um metro quadrado, com espessura variando entre dois e três centímetros reduzindo o tempo de trabalho e tornando menos cansativo esse processo.

A introdução dessa técnica no processo de trabalho e a sua consequente adoção na região efetuaram-se pela exigência do mercado de artefatos da borracha, pois a produção com utilização da prensa era velha conhecida dos seringueiros, mas não era aceita até essa data pelos compradores.

Em relação à rentabilidade do produto existia uma forte discordância entre os seringueiros. Uns afirmam que a borracha defumada rendia mais, outros dizem que era a prensada e havia aqueles que asseguram que tanto faz. Ambas as técnicas de produção da borracha resultam no mesmo montante de rentabilidade do produto. Ressalte-se que a utilização da prensa foi a única mudança processada no trabalho da produção da borracha nesse período em estudo. Entretanto “com relação às formas de trabalho no extrativismo, foram observadas um conjunto de transformações” (CHAVES, 2011, p. 65).

Esta é uma história em que a fala, o choro, o lamento dos explorados e injustiçados não tem ressonância, ou melhor, não tem espaço para se projetar e aparecer enquanto denúncia na mídia, talvez porque a própria mídia seja financiada pelos grupos dominantes interessados em manter calado os seringueiros. Parece que o tipo “jeca” só faz sucesso se tiver uma nova roupagem como nas novelas e minisséries globais. Imaginamos que talvez seja, por isso, que a maioria dos trabalhos acadêmico-científicos nesta área com a temática do seringal deem maior destaque ao aviamento, deixando de lado a fala dos bravos e combalidos seringueiros. Eles precisam se posicionar e dizer como se sentem enquanto sujeitos nesta história aterrorizante, de medo, pavor, horror, abandonados pelo principal agente que era o Governo Federal, sem o benefício da aposentadoria vitalícia conforme cláusula contratual assinado entre as partes convenentes (União e seringueiros), sem esperança, sem pelo menos, a ideia da perspectiva, ilhados literalmente, atônitos e boquiabertos, estupefatos, mas caminhantes.

**Referências**

ALLEGRETTI, Mary Helena. **A construção social de políticas ambientais**: Chico Mendes e o movimento dos seringueiros. Tese de doutoramento, 2002.UNB-CDS.

ARAÚJO, Ariadne. **Batalha da borracha**. Disponível em <http://www.scribe.com.br/doc/ 500028232>. Acesso em 23/01/2013;

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins fontes, 2005/1997 p.11.

BENCHIMOL, Samuel. **Romanceiro da Batalha da Borracha**. Manaus: Imprensa Oficial, 1992.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Amazônia – Formação Social e Cultural**. 3ª Ed. – Manaus: Editora Valer, 2009.

BRASIL. Decreto nº 10.385 de 31 de agosto de 1942. Estabelece Estado de Guerra em todo o território nacional. Publicação Original Diário Oficial da União - Seção 1 – 31/08/1942 Legislação Informatizada. 112.

BRASIL. Decreto-Lei nº 4.166, de 11 de Março de 1942. Dispõe sobre as indenizações devidas por atos de agressão contra bens do Estado Brasileiro e contra a vida e bens de brasileiros ou de estrangeiros residentes no Brasil. Publicação Original Diário Oficial da União - Seção 1 - 12/03/1942 , Página 3918. Legislação Informatizada.

BRASIL. Decreto-Lei Nº 5.813 - de 14 de Setembro de 1943. Pub. Clbr 1943. Aprova o acordo relativo ao recrutamento, encaminhamento e colocação de trabalhadores para a Amazônia, e dá outras providências. Disponível em <http://www.010.dataprev.gov.br/ sislex/paginas/24/1943/5813.htm> . Acesso em 01 de nov. 2011.

BRASIL. Fundação Getúlio Vargas. Conferências interamericanas: a Conferência de

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ "Imaginação social". In Enciclopédia Einaudi, s. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1985, p. 403.

CARNEIRO, Eduardo; CARLI, Egina. **O primeiro cíclo da borracha**. Disponível em <http://www.scribd.com/doc/4245301/primeirociclodaborracha>. Acesso em 01 de nov. 2011.

CENTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO E INFORMAÇÃO PARA A PAZ. A conceituação da paz e da violência. In: \_\_\_\_\_\_. O Estado da paz e a evolução da violência: a situação da América Latina. Campinas: UNICAMP, 2002. Cap. 1, p. 21-36; cap. 2, p. 37-68; cap. 3, p. 69-83; cap. 6, p. 125-146.

CHAVES. M. P. S. Rodrigues. **De Cativos a Libertos**: o processo de construção sociohistórica do seringueiro no Amazonas. Manaus –Am. Valer, 2001.

CUNHA, Euclídes da. **À margem da História**. Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro. A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo Disponível em <http://www.bibvirt.futuro. usp.br> . Acesso em nov. 1995.

FREIRE, J. R. Bessa. **História do Amazonas**. 9ª. Edição. Metro Cúbico. Manaus –AM, 1987.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 114

\_\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. 24ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_\_. **Sexualidade e solidão**. In: MOTTA, M.B. (Org.). Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a. p.92-103. (Ditos e escritos, 5).

\_\_\_\_\_\_. **O uso dos prazeres e as técnicas de si**. In: MOTTA, M.B. (Org.). Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b. p.192-217. (Ditos e escritos, 5).

\_\_\_\_\_\_. **O retorno da moral**. In: MOTTA, M.B. (Org.). Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004c. p.252-63. (Ditos e escritos, 5).

\_\_\_\_\_\_. **Ética, sexualidade, política**. In: MOTTA, M.B. (Org.). Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004d. p.234-9. (Ditos e escritos, 5).

\_\_\_\_\_\_. **A governamentalidade**. In: MACHADO, R. (Org.). Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1999a. p.277-93.

\_\_\_\_\_\_. **La ética del cuidado de sí como práctica de la libertad**. In: Estética, ética e hermenêutica: obras esenciales. Barcelona: Paidós, 1999b. v.3. p.393-415.

\_\_\_\_\_\_. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Orgs.). Michel Foucault: uma trajetória filosófica - para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p.231-49.

\_\_\_\_\_\_. **Verité, pouvoir et soi**. In: DEFERT, D.; EWALD, F. (Orgs.). Dits et ecrits. Paris:

GOMES Lima, Lucilene. **O capital extrativista**. Fusões da borracha. Disponível em <http://www.portalentretextos.com.br> 2004. Acesso em o1 de nov. 2011. 115

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1998.

HALBWACHS, Maurice. (Trad.) Beatriz Sidou. A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et al]. Campinas, SP. Editora da UNICAMPI, 1990 (Coleção Repertórios).

MAGESTE, Paula. **Exercito da borracha**. Revista Isto É. Ed. 306. 29/03/04. Vida brasileira. Depoimentos. <http://www.revista epoca.com/epoca/0,6993,ept703947\_1664,00html>. Acesso em 05 dez.2011.

MALINOWISKI, Bronislaw C. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: Trad. Anton P, Carr. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARTINELLO, Pedro. **A batalha da borracha na Segunda Guerra Mundial**. Edufac, 2004.

MARX, Karl. **Fundamentos da história**. In Marx – Sociologia (org.) Otávio Ianni. São Paulo: Ática 1979.

MEDEIROS FILHO; SOUZA, Itamar (1984, p. 59). **Os Degredados Filhos da Seca**. Petrópolis, Vozes, 1984.

Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa / Organizado pelo Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Bancos de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª. Ed. rev. e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

MORAES, Raymundo. **Na Planície Amazônica**. 8ª. Edição. Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.

MORALES, Lúcia Arrais. **Vai e vem, vira e volta**. As rotas dos Soldados da Borracha. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2002.

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

SILVA, Maria de Andrade. **A borracha passada na história**: Os Soldados da Borracha durante a Segunda Guerra. Monografia de Bacharelado em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Florianópolis: UESC, 2004.

SOBRINHO, P. V. Costa. **Capital e trabalho na Amazônia Ocidental**: contribuição à história social e das lutas sindicais no Acre. São Paulo: Cortez. Rio Branco AC – Universidade Federal do Acre.1992, p. 22.

SUBJETIVIDADE. Disponível em http:/pt.wikipedia.org/wiki/subjetividade#cite\_note-1, 2, 3. Acesso em 24/01/2013.

TORRES, Iraíldes Caldas. **Noção de trabalho e trabalhadores na Amazônia**. In: Somanlu – Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano 1, nº.1. Manaus: Edua, 2005.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Humaitá: ecos de um povo**. Manaus. EDUA. 2007.

WEINSTEIN, Bárbara. **A Borracha na Amazônia**: expansão e decadência., 1850-1920. São Paulo:HUCITEC, 1993.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**: a árvore da liberdade.(trad.) Denise Rottman, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_(1992), **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_(2005). **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo, Cia das Letras.

Texto publicado na revista História Viva, n.8 - junho de 2004. OBS: Disponível em http://www2.uol.com.br/pagina20/01042007/historia.htm. Acesso em 29/01/2013.

Disponível em http:www. portais.ws./?page=art\_det&ida=5862. Acesso em 29/01/2013.

Disponível em http:/www.wikipedia.org/wiki/face. Acesso em 29/01/2013.

Disponível em http:/www.horizonteortografico.com.br/caberMateria/468. Acesso em 29/01/2013.

Disponível em http:/www.books.google.com.br. Acessado em 06/06/2013.

Disponível em http:/www.portalsaofrancisco.com.br/alfa 118

http/pt.wikipedia. org/wik/festa\_do\_mastro. Acessado em 08/06/2013.

Disponível em http/www.igarapesdemanaus.wordpress.com/manaus-si. Acessado em 13/06/2013

Disponível em http:/www.nner.com.br/anais/NEER. Acessado em 13/06/2013.

Disponível em http:/www.wikipedia.org/wiki/transcendental. Acessado em 14/06/2013.

**CAPITULO II – AS EXPRESSÕES DO IMAGINÁRIO DO SERINGUEIRO NAS FESTAS E DIVERSÕES**

*Aproveite cada dia e viva-o intensamente de modo positivo, pois a vida é muito curta, vai apenas do nascimento até a morte.* (Anônimo)

**2.1 Festas, forrós e cantorias como poética da selva**

Gonzaguinha, um dos compositores de vanguarda da música popular brasileira cantou o imaginário, sonhos e utopias do sujeito na sua luta diária pela liberdade e a felicidade ao reafirmar que é bom cantar, “cantar e não ter a vergonha de ser feliz; cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz” (música Eterno Aprendiz). O aprendizado é vital para a sobrevivência da espécie humana e o lazer é essencial na revitalização das energias do corpo e da alma, para suportar o pesado fardo da lida diária na colocação do seringal. Reaprender a ver o mundo, no dizer de Merleau Ponty (1988), para nele projetar-se como ser pensante e caminhante foi condição primeira para a sobrevivência dos seringueiros de Tefé no Médio Solimões.

A liberdade, princípio primeiro na constituição de sua existência em processo de hominização, conduziu os seringueiros ao protagonismo das lutas acirradas antes de entregar seus desígnios a outrem. Rousseau (1987) um dos precursores do Estado Moderno ao mesmo tempo em que dizia ser necessário um ente jurídico para tomar conta e cuidar de todas as pessoas que vivem em sociedade afirmava admirar o bom selvagem e sua liberdade de ir e vir, e recomendava cautela na hora de entregar sua tutela ao comando do rei e do seu Estado absolutista centralizado, principalmente considerando as observações de Hobbes e Bodin de que o “rei é o fiel depositário dos direitos de todos os cidadãos com poderes sobre a vida e a morte de seus súditos” (ROUSSEAU, 1978, p. 36).

Essa tenacidade pela liberdade mesmo que representada em parcos traços, pode ser observada na luta dos seringueiros do Médio Solimões na Amazônia, no universo simbólico da colocação no seringal, materializado na realização de festas, forrós e cantorias que no dizer de Foucault (1987), é como uma recriação de sua existência. Esses eventos como nomeia Aranha (1996, p. 22), fazem parte da cultura do seringal e “são resultado de tudo que o sujeito produz para construir sua existência” no sentido antropológico do termo. O contato do sujeito com a natureza, com seus semelhantes e consigo mesmo é intermediado pelos símbolos, isto é, signos – arbitrários e convencionais – por meio dos quais o sujeito representa o mundo, codificando o ambiente que lhes cerca e dando sentido à sua existência.

João de Lima Soares, seringueiro do seringal Caititu, ao ser perguntado a respeito do que ele fazia para passar o tempo além de cortar e defumar explica que,

Além de caçar e pescar nos finais de semana para adquirir o alimento necessário para a realização do trabalho de corte da seringa, informa ainda que uma vez por ano tinha o festejo de São Sebastião. Naquele dia dedicado ao santo padroeiro o patrão fazia aquela festa e convidava todos os seringueiros a participar, matava um boi e distribuía comida aos presentes, era tudo animado, mas ninguém sabia de nada. Após a celebração religiosa iniciava a festa propriamente dita com os tocadores e seus instrumentos musicais como violino, cavaquinho, pandeiro à base de cantoria, todos nós cantávamos e a festa ia até o dia amanhecer (Entrevista em 2012).

Pode-se dizer a partir de Benchimol (1999), que essas festas nos beiradões, forrós e cantorias regados a muita cachaça, reacendiam os sonhos e expectativas como conseguir uma mulher para casar ou saldar sua dívida e voltar para a terra natal.

A mudança é quase sempre traumática, principalmente quando ela é feita de maneira radical sem considerar todo o legado cultural construído ao longo de anos. A mudança deve ocorrer de forma gradual, ou seja, por etapas para a que a cultura do lugar seja internalizada de forma natural, mas isso parece não ter sido levado em conta com relação ao seringueiro nordestino.

As migrações nordestinas para Amazônia sempre estiveram ligadas às questões de conflitos no campo, coincidindo com os períodos de seca, e os pequenos agricultores são os que primeiro sentem os efeitos da mesma. Além de ser a maioria da população rural sertaneja, eles não tinham alternativa a não ser migrar.

O fenômeno da seca é usado como fator de entendimento da migração, e, com isso, esconde-se a questão fundamental, que é a estrutura fundiária nordestina, que vem ao longo de todos esses anos propiciando a expulsão de milhares de pessoas para outras regiões do País.

De acordo com Medeiros Filho; Souza (1984), a migração em direção ao Norte deu seus primeiros passos na grande seca de 1877-1879. O surgimento do ciclo da borracha transformou-se em grande polo de atração para as populações rurais do Nordeste. Migrar para a Amazônia nos anos de seca já se tornara constante na história nordestina, principalmente, no Estado do Ceará.

Já na seca de 1904, o Brasil estava no auge de dois momentos econômicos: o da borracha na Amazônia, e o do café no Centro-Sul, havendo inclusive incentivo do governo em forma de passagens gratuitas para que os migrantes pudessem se deslocar para essas regiões. Mesmo aqueles que não queriam sair do nordeste eram compelidos, pois o governo utilizava-se da força policial para obrigá-los a migrar como nomeiam (MEDEIROS FILHO; SOUZA, 1984, p. 59).

Foucault (1987, p.179) nos ensina que,

Na primeira metade do século XX, o soldado e posteriormente o seringueiro se tornou algo que se fabrica, de uma massa informe, de um corpo inapto fez-se a máquina de que se precisa, corrigiram-se aos poucos as posturas (...) torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos, inclusive adestrando-o ao fatigante trabalho na colocação do seringal.

No mundo amazônico, a colocação incrustada no meio da selva e seus mistérios, o simbolismo toma conta do corpo e da alma do seringueiro, e mesmo sem a regularidade das ações, a empresa seringalista movia as engrenagens da economia gomífera utilizando-se de mecanismos variados para motivar e sensibilizar sua força de trabalho, promovendo, inclusive, o lazer com a realização de festas, forrós e cantoria, tudo regado a muita cachaça para mexer com a imaginação. É o que assinala Enrique Rodrigues da Silva, seringueiro do seringal Limão no Médio Solimões, a saber:

As festas aconteciam com cantigas, violão, pandeiro, cavaquinho. Começava a hora que o pessoal chegava à casa de festa situada próxima ao barracão, sete, oito da noite e ia até o dia amanhecer. Durante as festas alguns contavam causos de um lado do salão enquanto outros estavam embolados dançando do outro. Os intervalos eram rápidos, na verdade a festa não parava ia até às sete da manhã do dia seguinte com muita cachaça. Por um acaso se a cachaça acabasse logo a festa se encerrava cedo também. Se tivesse um regatão no porto que vendesse cachaça a coisa rendia. Sem cachaça não tinha festa. A festa era em comemoração ao dia de todos os santos e acontecia uma vez por ano. Nas outras festas eu não ia porque quando se trabalha não sobra muito tempo para o lazer. Ir para uma festa passar dois ou três dias, quando se chega não da certo não. Eu sempre fui magro mais trabalhador, criei seis filhos e nunca fui à porta de quem quer que seja pedir nada a ninguém, sempre trabalhei para sustentar a família. Minha mulher morreu há 14 anos e, eu ainda, não arranjei outra porque não posso sustentar (Entrevista/2012).

Relembrar os momentos bons e ruins, as alegrias e tristezas, como também as angústias, devaneios e decepções na colocação do seringal e mesmo que não seja momento de regozijo total, comemoração, serve para manter viva pelo menos na memória dos trabalhadores seringueiros parte de sua vida e história vivida em toda a sua profundidade no interior da floresta amazônica. Serve também para denunciar o degredo e abandono ao qual foram submetidos pelo governo brasileiro ao término da Segunda Guerra Mundial. De acordo com Ricouer (2007, p.107-108) trata-se de “um exercício fundamental ao sujeito que ao se lembrar de algo, se lembra de si e acrescenta à memória fato que parece ser radicalmente singular, mas vital para manter o vínculo original da consciência com o passado através da memória”.

Para Agostinho (1991, p. 23) “a memória é passado, e esse passado é de minhas impressões; nesse sentido, esse passado é meu passado”. É por esse passado que a memória garante a continuidade temporal da pessoa, sua identidade cujas dificuldades e armadilhas elas enfrentam e vencem. Esta continuidade permite ao sujeito remontar sem ruptura o presente vivido até os acontecimentos mais longínquos da infância. Recordar é viver. Manter viva a memória, exercitar a imaginação deve ser um exercício permanente para trazer à consciência fatos, acontecimentos vividos que o sujeito não pode deixar de lembrar.

Durand (1997, p. 7) explica que,

A consciência dispõe de duas maneiras para representar o mundo. Uma direta, na qual a própria coisa parece estar presente no espírito, como na percepção ou na simples sensação. A outra indireta quando, por esta ou por aquela razão, a coisa não pode apresentar-se ‘em carne e osso’ à sensibilidade, como por exemplo, na recordação da nossa infância, na imaginação do planeta Marte, na compreensão da dança dos elétrons em torno do núcleo atômico ou na representação de um além morte. Em todos esses casos de consciência indireta, o objeto ausente é re-presentado na consciência por uma imagem no sentido lato do termo.

A consciência do fato ocorrido e a experiência do momento vivido presente na narrativa e memória de Geraldo Encarnação Costa, 93 anos, seringueiro do seringal Marapatá, Médio Solimões – a respeito dos momentos de lazer materializado nas festas, forrós e cantorias na colocação do seringal – revela-se com clareza e lucidez no que diz respeito às formas de representação do mundo. Para este seringueiro,

A festa era coisa boa e tinha sempre. Começava à boca da noite com os instrumentos como violão, cavaquinho, pandeiro e eu era um bom dançarino e cantador também. As festas rolavam a noite inteira, só terminavam na manhã seguinte. Tudo regado a muita cachaça e bastante alegria (Entrevista/2012).

Foucault (2002, p. 403) assinala que no curso da história, o homem não cessou de se construir a si mesmo, ou seja, de trasladar continuamente o nível de sua subjetividade, de se constituir numa série infinita e múltipla de subjetividades diferentes que nunca alcançaram um final nem nos colocam na presença de algo que não pudesse ser o homem.

Na colocação do seringal, demonstrando toda sua coragem e tenacidade em meio a um ambiente hostil, o seringueiro nordestino não se intimida. Muitas vezes tem como arma só uma faca de ponta virada denominada de rasgeta, se embrenha na mata, desbrava a selva, amedronta os animais peçonhentos, cobras, araquinídios, pernilongos, esturra mais forte que a temida onça pintada ou a negra de olhos amarelados denominada suçuarana. Demonstrando bravura e valentia, corta a estrada de seringa das oito da noite às quatro da madrugada, recolhe o leite, seiva que brota da *hévea brasiliensis*, enche os baldes18, confeccionado em zinco ou alumínio e em seguida repassa para o saco empermeabilizado19, também conhecido como encalchado que comporta em média de trinta a quarenta litros de látex e caminha por vestígio apelidado de vereda, numa simbologia ao caminho dos roedores como pagas, cotias, tatus.

1. Frete: remuneração devida pelo fretador ou expedidor de mercadorias em consequência do transporte por navio, carro, avião ou qualquer outro veículo. Fazer (um) frete, desempenhar uma incumbência ou fazer entrega de alguma coisa. Frete a pagar, quando o expedidor deixa o pagamento do transporte por conta de quem vai receber o que é transportado. Disponível em http:/www.dicio.com.br/frete/. Acessado em 20/06/2013. [↑](#footnote-ref-1)
2. Ver a esse respeito MORALES, Lúcia Arraes. As rotas dos soldados da borracha. Ed. Annablume (2007). [↑](#footnote-ref-2)
3. Biopirataria é o ato de ceder ou transferir recurso genético (animal ou vegetal) e/ou conhecimento tradicional associado à biodiversidade, sem a expressa autorização do Estado de onde fora extraído o recurso ou da comunidade tradicional que desenvolveu e manteve determinado conhecimento ao longo dos tempos (prática esta que infringe as disposições da Convenção das Organizações das Nações Unidas sobre Diversidade Biológica) Disponível em <http://www.amazonlink.org/biopirataria/biopirataria\_facq.htm>. Acesso em 15 de nov. 2011. [↑](#footnote-ref-3)
4. No sistema de aviamento o comerciante ou aviador adianta bens de consumo e alguns instrumentos de trabalho ao produtor, e este restitui a dívida contraída com produtos extrativos e agrícolas. O aviamento, termo cunhado na Amazônia, é um sistema de adiantamento de mercadorias a crédito. Começou a ser usado na região na época colonial, mas foi no ciclo da borracha que se consolidou como sistema de comercialização e se constituiu em senha de identidade da sociedade amazônica. Depois do ciclo da borracha, o aviamento passou a ser reformulado em termos menos policiais, mas continuou sendo igualmente dominante em todas as esferas da produção. Miyazaki e Ono (1958, p. 269) foram contundentes nesse sentido: "não existe nenhuma produção no Amazonas que não tenha alguma relação com o sistema de aviamento". Charles Wagley (1957, p. 146) dizia nos anos 50 que o aviamento era o principal elemento estrutural que regulava as relações sociais na Amazônia. Disponível em <http://www.amazonlink.org/biopirataria/biopirataria\_facq.htm>. Acesso em 15 de nov. 2011. [↑](#footnote-ref-4)
5. Vide Revista História Viva, nº 8 - junho de 2004.

   Disponível em http://www2.uol.com.br/pagina20/01042007/historia.htm. Acessado em 29/01/2013. [↑](#footnote-ref-5)
6. Ato de aliciar, promovido por um aliciador geralmente pessoa com muito interesse em algo ou alguma coisa. Disponível em http://www.dicionarioinformal.com.br/aliciamento/. Acesso em 19/01/2013. [↑](#footnote-ref-6)
7. Essa injustiça foi reconhecida em 1988, notadamente no artigo 54 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (Allegretti, 2002). Disponível em http:/www.wikipedia.org/wiki/face. Acesso em 29/01/2013

   Art. 54. Os seringueiros recrutados nos termos do Decreto-Lei nº 5.813, de 14 de setembro de 1943, e amparados pelo Decreto-Lei nº 9.882, de 16 de setembro de 1946, receberão, quando carentes, pensão mensal vitalícia no valor de dois salários mínimos.

   § 1º - O benefício é estendido aos seringueiros que, atendendo a apelo do Governo brasileiro, contribuíram para o esforço de guerra, trabalhando na produção de borracha, na Região Amazônica, durante a Segunda Guerra Mundial.

   § 2º - Os benefícios estabelecidos neste artigo são transferíveis aos dependentes reconhecidamente carentes.

   § 3º - A concessão do benefício far-se-á conforme lei a ser proposta pelo Poder Executivo dentro de cento e cinquenta dias da promulgação da Constituição. Disponível em http:/www.wikipedia.org/wiki/face. Acesso em 29/01/2013. [↑](#footnote-ref-7)
8. Terçado: facão grande. Disponível em http:/www.wikipedia.org/wiki/face. Acesso em 29/01/2013. [↑](#footnote-ref-8)
9. Paneiro: cesta tecida de fibra vegetal e forrada com folhas para acondicionar a farinha de mandioca. Disponível em http:/www.wikipedia.org/wiki/face. Acesso em 29/01/2013. [↑](#footnote-ref-9)
10. Quinino: remédio para o tratamento de malária. Disponível em http:/www.wikipedia.org/wiki/face. Acesso em 29/01/2013. [↑](#footnote-ref-10)
11. A poronga é uma lamparina com suporte de madeira cuja tampa era construída de cortiça, peça de flandres ou pincha, onde um pavio de tecido fixo com suporte frontal quebra-vento mantinha-se aceso por longos períodos, de sorte que, sem dúvida, nossos ancestrais transformaram-na num instrumento revolucionário e deixaram registros importantes na vida de muitos. Embora fosse rústica, quando o seringueiro a manuseava, tinha a certeza de que poderiam ir a qualquer localidade e de lá retornar. Funcionais, tanto eram usadas no âmbito doméstico quanto no trabalho, quer para iluminar uma trilha para o mateiro, quer para retirar o leite de uma seringueira, quer para fachear – tipo de pescaria na região; eram ainda uma peça que adornava algumas residências de aviadores – comerciantes da época. Disponível em http:/www.wikipedia.org/wiki/face. Acesso em 29/01/2013. [↑](#footnote-ref-11)
12. Bulhão e/ou Buião, denominação dada ao forno feito no chão onde se põe o carvão, o cavaco, ou coco, para o processo de defumação da borracha. Variação de fornalha. Disponível em http:/www.wikipedia.org/wiki/face. Acesso em 29/01/2013.

    [↑](#footnote-ref-12)
13. Pela de borracha ou borracha natural é um produto resultante do processo de coagulação do látex, substância extraída de algumas árvores tropicais e semitropicais de várias famílias, como as euforbiáceas, sapotáceas, apocináceas, moráceas e compostas. Após a coagulação, obtida com a adição de ácido acético, forma-se um material elástico. Dentre as espécies vegetais produtoras de látex, a mais importante economicamente é a seringueira (Hévea brasiliensis), mas existem outras plantas produtoras, como maniçoba, caucho e mangabeira. A seringueira é originária do Brasil e atualmente já existem projetos para o desenvolvimento de plantações que superem o aspecto pouco econômico da produção natural. Material elástico e impermeável, a borracha tornou-se indispensável à indústria moderna, presente num sem-fim de produtos com os quais o homem convive em seu dia-a-dia. Disponível em http:/www.wikipedia.org/wiki/face. Acesso em 29/01/2013. [↑](#footnote-ref-13)
14. Timbó: é proveniente de plantas da família das leguminosas e das sapindáceas com casca e/ou raízes que possuem uma seiva tóxica, utilizadas pelos nativos para tinguijar (regionalismo usado no Norte e Nordeste) isto é intoxicar peixes. Os peixes começam a boiar e podem ser facilmente apanhados à mão. Deixados na água, recuperam-se, podendo ser consumidos sem inconveniente. O fruto é uma cápsula que se assemelha a uma pera. Disponível em http:/www.wikipedia.org/wiki/face. Acesso em 29/01/2013. [↑](#footnote-ref-14)
15. Mateiro, que tinha como atribuição encontrar as seringueiras e construir as estradas de seringa; Disponível em http:/www.wikipedia.org/wiki/face. Acesso em 29/01/2013. [↑](#footnote-ref-15)
16. Toqueiro, limpava o caminho das estradas; noteiro ou aviador, responsável pela caderneta de controle de mercadorias e produção do seringueiro; comboeiro ou tropeiro, eram incumbidos de levar a mercadoria ao seringueiro e trazer a produção; gerente do seringal, administrava o local da produção da borracha; jagunços, contratados para fazer valer as imposições dos donos de seringais. Estas pessoas que faziam os serviços diretos para o patrão, moravam nas proximidades do Barracão. Cada um com sua importância singular para manter o conjunto administrativo em condições de funcionamento. Disponível em http:/www.nner.com.br/anais/NEER. Acessado em 13/06/2013. [↑](#footnote-ref-16)